

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

DANILO CURAÇA DA SILVA

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE CURSOS
PROFISSIONALIZANTES PARA JOVENS E ADULTOS

São Paulo

2020

DANILO CURAÇA DA SILVA

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE CURSOS
PROFISSIONALIZANTES PARA JOVENS E ADULTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria da Graça Nicoletti Mizukami

São Paulo
2020

S586d Silva, Danilo Curaça da.

Desenvolvimento profissional de professores de cursos
profissionalizantes para jovens e adultos. / Danilo Curaça da Silva.
80 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) –
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

Orientadora: Maria da Graça Nicoletti Mizukami

Referências bibliográficas: f. 72-73.

1. Desenvolvimento profissional docente. 2. Formação continuada de
professores. 3. Comunidades de aprendizagem. 4. Educação
profissionalizante. I. Mizukami, Maria da Graça Nicoletti, *orientadora*.
II. Título.

CDD 370.71

Bibliotecária Responsável: Silvania W. Martins – CRB 8/7282

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: Danilo Curaça da Silva

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Arte e História da Cultura

Título do Trabalho: DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE CURSOS PROFISSIONALIZANTES PARA JOVENS E ADULTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio de ¹:

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- Instituto Presbiteriano Mackenzie/Isenção integral de Mensalidades e Taxas
- MACKPESQUISA - Fundo Mackenzie de Pesquisa
- Empresa/Indústria: Senac SP
- Outro:

¹ **Observação:** caso tenha usufruído mais de um apoio ou benefício, selecione-os.

DANILO CURAÇA DA SILVA

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE CURSOS
PROFISSIONALIZANTES PARA JOVENS E ADULTOS

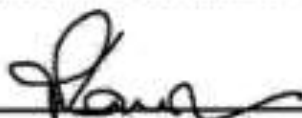
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Aprovada em 28 de agosto de 2020.

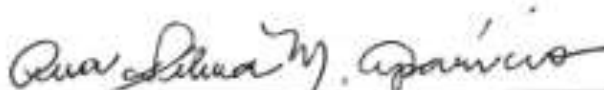
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Maria da Graça Nicoletti Mizukami
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.ª Dr.ª Maria de Fátima Ramos de Andrade
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.ª Dr.ª Ana Sílvia Moço Aparício
Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Este trabalho é dedicado à minha família, em especial, à minha mãe Elizabete e meu esposo Leandro, que sempre me apoiaram e incentivaram a buscar conhecimento como forma de transformação pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senac por todo suporte e disponibilidade em permitir que a pesquisa fosse realizada. Aos meus colegas professores, que dedicaram um tempo de sua tão movimentada rotina para participar da pesquisa, pois sem eles nada seria possível.

À minha orientadora Maria da Graça e aos professores que me ajudaram a ampliar olhares durante minha trajetória no mestrado.

“Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...” Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo caracterizar processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores de cursos técnicos para jovens e adultos de uma Instituição que atua há mais de 70 anos no segmento da educação profissional. Para o desenvolvimento da pesquisa, contamos com a participação de três professores que, por meio de questionário, registraram apontamentos sobre suas trajetórias escolar, acadêmica e profissional; como aprenderam e o que ainda consideram necessário aprender para oferecer situações de ensino que levem à melhoria da aprendizagem dos alunos; a base de conhecimentos necessária para ser professor de cursos técnicos e, por fim, apontar elementos para o processo de formação continuada de modo a atuar em cursos de qualificação profissional. Para desenvolver as reflexões sobre o tema, foi utilizada a pesquisa teórica, descritiva e exploratória. Foram consultados documentos Institucionais para entender quais percepções a escola possui sobre sua comunidade, além de entender como a escola promove a formação continuada dos seus profissionais. Para trabalhar a apreciação das informações, também utilizamos as contribuições de autores como: Darling-Hammond, Cochran-Smith e Lytle, Marcelo Garcia, Mizukami, Nono, Shulman e Vaillant. As informações dadas pelos professores aos questionamentos propostos neste trabalho trouxeram outras informações sobre necessidades formativas que favoreçam a troca entre os pares, a necessidade em aprofundar o conhecimento em ferramentas tecnológicas e suas aplicações alinhadas aos conteúdos pedagógicos, estratégias de comunicação não violenta e conhecimento técnico, pois facilitará alinhamento de estratégias para a prática pedagógica. Portanto constitui-se em subsídios importantes para possíveis ações na escola a fim de contribuir para o fortalecimento de vínculos e a construção de roteiros formativos, tendo como ponto de investigação as questões que fazem parte do dia a dia para o contínuo desenvolvimento dos docentes.

Palavras – chave: Desenvolvimento profissional docente; formação continuada de professores; comunidades de aprendizagem; educação profissionalizante;

ABSTRACT

This research aims to characterize the learning and professional development processes of teachers of technical courses for young people and adults at an institution that has been operating for over 70 years in the professional education segment. For the development of the research, we counted on the participation of three teachers, who, through a questionnaire, recorded notes about their academic and professional school trajectories; how they learned and what they still consider necessary to learn in order to offer teaching situations that lead to improved student learning; the knowledge base necessary to be a teacher of technical courses and finally to point out elements for the process of continuing education to work in professional qualification courses; Theoretical, descriptive and exploratory research was used to develop the reflections on the theme. Institutional documents were consulted to understand what perceptions the school has about its community, in addition to understanding how the school promotes the continuing education of its professionals. In order to assess the information, we also use the contributions of authors such as: Darling-Hammond, Cochran-Smith and Lytle, Marcelo Garcia, Mizukami, Nono, Shulman and Vaillant. The information given by the teachers to the questions proposed in this work, brought information about training needs that favor exchange between peers, the need to deepen knowledge in technological tools and their applications aligned to pedagogical content, non-violent communication strategies and technical knowledge, as it will facilitate alignment of strategies for pedagogical practice, therefore , constitutes important subsidies for possible actions in the school in order to contribute to the strengthening of bonds and the construction of training scripts, having as a research point the issues that are part of the daily routine for the continuous development of teachers.

Keywords: Teacher professional development; continuing teacher education; learning communities; professional education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. FORMAÇÃO DE PROFESSORES	18
1.1 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES INICIANTES	23
1.2 FORMAÇÃO CONTINUADA E PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	25
1.3 O PERFIL DO PROFESSOR FORMADOR NO ENSINO TÉCNICO	29
2. A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO SENAC.....	32
2.1 A HISTÓRIA DO SENAC	32
2.2 EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	39
2.3 A PROGRAMAÇÃO DOS CURSOS NA ESCOLA.....	41
2.4 MODALIDADES DE ENSINO	43
2.5 APRENDIZAGEM COMERCIAL.....	44
2.5.1 PROGRAMAS SOCIOPROFISSIONAIS	44
2.5.2 PROGRAMAS SOCIOCULTURAIS.....	44
2.6 FORMAÇÃO INICIAL.....	44
2.6.1 PROGRAMAS INSTRUMENTAIS.....	44
2.6.2 CAPACITAÇÃO	45
2.7 A CONSTRUÇÃO DOS CURRÍCULOS	45
2.8 METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO SENAC	46
2.9 A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR NO SENAC	47
2.10 O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	49
2.11 PROCESSOS DE AVALIAÇÃO.....	50
3. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE CURSOS TÉCNICOS PARA JOVENS E ADULTOS.....	52
3.1 A PERCEPÇÃO SOBRE OS CURSOS	52
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO.....	54
3.3 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL EM SERVIÇO	56
3.4 DIFICULDADES E DILEMAS DO COTIDIANO	58
3.5 CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.....	61
3.6 NECESSIDADES FORMATIVAS.....	64
3.7 AS COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM COMO PROPOSTA DE CONTRIBUIÇÃO.....	65

CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS.....	72
ANEXO.....	74

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo vem sofrendo muitas transformações e isso resulta, entre outros fatores, em mudanças nos perfis profissionais. Essas modificações resultam em uma educação profissional que necessita seguir a contemporaneidade, passando também pela mudança do perfil docente que atua nesse segmento.

O aluno busca a educação profissional no intuito de aprender uma função ou uma profissão. Neste contexto, as instituições de ensino profissionalizante organizam seus portfólios de cursos, que envolvem os docentes, materiais, entre outros recursos pedagógicos, para promover a apropriação dos conhecimentos necessários para a atuação profissional.

Quando falamos de formação na educação profissional precisamos pensar no modo como o aluno coloca seus saberes em prática. As transformações que ocorrem nas relações de trabalho são modificadas constantemente e, inevitavelmente, as qualificações exigidas pelos novos processos de desenvolvimento precisam ser revistas. As tarefas puramente físicas estão sendo substituídas por tarefas mais intelectuais, mais mentais. Geram, pois, uma necessidade de desenvolver novas competências profissionais que impactam diretamente na questão da economia e de novos postos de trabalho. É necessário que o profissional tenha comunicação adequada, saiba trabalhar com os outros, gerir e resolver conflitos, fatores muito presentes no mundo do trabalho.

Neste contexto, o professor de educação profissional precisa compreender estas mudanças e, de certa forma, desenvolver um ambiente que contemple as mudanças que fazem parte do nosso mundo. Transforma, portanto, suas práticas, compreendendo a diversidade que envolve a escola, resignificando os aprendizados e, principalmente, percebendo a escola como um local em que ele pode expor suas dificuldades e necessidades formativas. Poderá também contribuir para a formação do aluno.

O professor depara-se com diversos desafios no fazer docente e, por diversas oportunidades, não tem a possibilidade de trocar informações em locais de formação organizados para isso. Na falta desses espaços e da disponibilidade de tempo para que eles aconteçam são desencadeadas frustrações, inseguranças, e desmotivação, o que impacta diretamente no desenvolvimento do professor e, logo,

no do aluno. Isso ocorre em relação a todas as demandas da educação, neste caso, a educação profissional, mas que também faz parte da educação em outros segmentos.

A curiosidade pelo conhecimento tem feito com que o homem, ao longo do tempo, buscase encontrar respostas para as diversas realidades com as quais se defronta durante sua experiência de vida. Neste percurso, depara-se com uma possibilidade de formas de pesquisas que o auxiliarão a refletir e até mesmo a buscar respostas para seu desenvolvimento e de outras pessoas que estão ao seu redor.

Nesta perspectiva, é essencial considerar dois tipos de pesquisa: a pesquisa pura e a aplicada, ambas têm sua relevância caracterizada, segundo Cervo et al. (2007, p. 60), logo:

[...] na pesquisa pura ou básica o pesquisador tem como meta o saber, buscando satisfazer uma necessidade intelectual por meio do conhecimento. Já na pesquisa aplicada, o investigador é movido pela necessidade de contribuir para fins práticos mais ou menos imediatos, buscando soluções para problemas concretos.

Cabe ressaltar que os tipos de pesquisa mencionados não se opõem e são fundamentais para o desenvolvimento dos conhecimentos e ação, seja para desenvolver um novo olhar ou transformar em práticas concretas.

A escolha por desenvolver essa pesquisa tem relação com o olhar deste pesquisador e professor de carreira, que atua diretamente com os professores, pelo fato de perceber que precisamos fortalecer ações para que o professor sinta-se confiante para trocar com seus pares em um ambiente preparado. Ao mesmo tempo, busca contribuir para que os objetivos da aprendizagem sejam consolidados, pois temos uma estrutura na escola e possibilidades para o pleno desenvolvimento. O professor, porém, precisa sentir-se pertencente para atuar. Assim, chegamos ao problema de pesquisa para reflexão do trabalho – como ocorre o desenvolvimento profissional de professores de cursos técnicos para jovens e adultos?

Para promover o exercício reflexivo, os objetivos são essenciais para o desenvolvimento do trabalho, pois são eles que contribuem para pensar sobre a questão proposta e possíveis desdobramentos. Por isso foram organizados da seguinte forma:

Objetivo geral – analisar como ocorre o desenvolvimento profissional de professores de cursos técnicos para jovens e adultos.

Objetivos específicos – conhecer a trajetória escolar acadêmica e profissional de professores que atuam nesse contexto;

- analisar, sob a ótica dos professores, como aprenderam e o que ainda consideram necessário aprender para oferecer situações de ensino que levem à melhoria da aprendizagem dos alunos;

- caracterizar a base de conhecimentos dos professores que trabalham nesses cursos;

- apontar elementos ao processo de formação continuada para atuar em cursos de qualificação profissional;

Para auxiliar na construção e desenvolvimento do trabalho foram consideradas as pesquisas bibliográfica, descritiva e exploratória.

A pesquisa bibliográfica tem como proposta levantar os referenciais teóricos, livros, artigos e documentos institucionais da escola, com o objetivo de verificar o que já foi construído, do ponto de vista científico para a temática abordada no trabalho, essencial para o desenvolvimento.

A pesquisa descritiva, como o próprio nome revela, observa, registra, analisa, ou seja, tem como finalidade principal verificar e estabelecer relações nas ciências humanas nas diversas situações. Aborda dados e problemas que merecem ser estudados, dentro da própria realidade, e no caso da pesquisa apresentada, por meio da coleta de dados nos questionários.

E, por fim, a pesquisa exploratória, que não necessariamente precisa de formulação de hipóteses. Esse tipo de pesquisa atua quando se pretende buscar maiores informações sobre um determinado assunto, visando contribuir com novas ideias ou desenvolver novas considerações acerca de um fenômeno.

Existe uma vasta bibliografia quando falamos de formação de professores, mas no processo de desenvolvimento da dissertação foi utilizado para a fundamentação teórica, principalmente as contribuições dos seguintes autores: Darling-Hammond, Cochran-Smith e Lytle, Marcelo Garcia, Mizukami, Nono, Shulman e Vaillant. Além destes autores, outros também contribuíram para a escrita.

Foram convidados a participar 5 professores que atuam em cursos profissionalizantes e que começaram a atuação na instituição recentemente, e outros com maior tempo de escola. Como a participação na pesquisa foi voluntária, três professores participaram com suas contribuições aos questionamentos propostos. Combinamos que os nomes serão mantidos em sigilo para evitar possíveis exposições e, no decorrer do capítulo, serão identificadas como: D1, D2 e D3.

Vaillant (2012, p. 42 -43) afirma que levar em consideração a história de vida do professor facilita a compreensão de como ele percebe sua atuação e os valores que norteiam seu trabalho e facilita a promoção de reflexões acerca de seu fazer pedagógico. Mas é importante salientar que esse movimento é mais perceptível quando o professor começa a refletir sobre sua ação no dia a dia de sua prática.

Por isso é importante saber quem são os professores e considerar suas trajetórias na construção de possíveis contribuições para a realização do trabalho e possíveis necessidades que aqui serão abordadas. Os professores trazem consigo crenças, valores e imagens sobre o ensino que irão influenciar na forma como atuam em sala.

Os professores participantes da pesquisa têm entre 40 e 51 anos e atuam como docentes em cursos do Senac na área de informática, design, administração e em cursos de tecnologias sociais e desenvolvimento humano (contextos vulneráveis). Possuem de 09 a 15 anos de experiência na docência.

Das participantes, todas possuem curso superior e apenas uma delas possui formação na área da educação, ou seja, formação pedagógica de carreira, mas não possui pós-graduação. As outras duas possuem formação em nível bacharelado complementado pela formação *lato sensu*.

Sobre a trajetória profissional das docentes, duas delas não começaram a carreira profissional na área da educação. A outra, porém, cursou magistério tendo a maior parte de sua carreira desempenhada na educação.

D1 – Atuação na área de graduação (agências de design) e também na área da educação como docente em cursos livres e técnicos.

D2 – Cursei magistério, sempre sonhei ser educadora, e desde menina buscando cursos que me levassem à docência. Ingressei no Estado, lecionei para o ensino médio (disciplinas de português e inglês) por 15 anos.

D3 – Estágios em ONGs - formação profissional de jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica; Atuação em ONGs como psicóloga e educadora social - em cursos de formação profissional e desenvolvimento local; psicóloga em T&D - Coach - prestação de serviço ao Senac em curso de formação profissional de jovens e adultos em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Prestação de serviço ao SEBRAE - em cursos de empreendedorismo, cooperativismo e desenvolvimento local. Atualmente é docente na área de Tecnologias Sociais nos cursos de formação profissional e aprendizagem.

Foi utilizado para a reflexão e construção do trabalho um questionário composto pelos seguintes tópicos: caracterização pessoal e profissional; trajetórias escolar e trajetória profissional; experiência profissional após a conclusão do curso; o olhar sobre o curso de qualificação profissional; os aprendizados desde que entrou no Senac; o olhar sobre os alunos que procuram os cursos de qualificação profissional; as dificuldades/dilemas que enfrenta; o que é necessário para atuar nesses cursos; os conhecimentos para atuar com segurança nos cursos; e as necessidades formativas que, na visão dos professores, são necessárias.

Esperamos com a pesquisa contribuir e oferecer subsídios para o desenvolvimento docente, favorecendo um espaço de confiança, troca e, principalmente, pertencimento para que o professor continue contribuindo para a formação do aluno. A pesquisa está organizada em 3 capítulos: no capítulo 1, são abordados aspectos que envolvem a formação de professores; o capítulo 2 apresenta informações sobre a organização e funcionamento da instituição, o que permitiu que a pesquisa acontecesse; e, por fim, o capítulo 3, que destaca as reflexões dos docentes sobre o desenvolvimento profissional de professores de cursos profissionalizantes para jovens e adultos e as possíveis contribuições das comunidades de aprendizagem para o desenvolvimento docente, frente às considerações abordadas pelos docentes durante a pesquisa.

1. FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Para Vaillant (2012, p. 31), formar professores é formar adultos [...]. Formar adultos requer destes disposição e interesse em aprender e aproveitar suas experiências de vida, no contexto de formação, para estimular seu desenvolvimento. Esses elementos impactam nas projeções que são feitas com relação ao futuro.

Ao abordar a questão da formação de docentes, como outras profissões, é necessário assegurar que os indivíduos que irão atuar nessa área tenham um domínio adequado das competências profissionais necessárias para desenvolver seu trabalho.

Partindo desse cenário, a formação de professores não é de modo algum recente, pois faz parte da história da educação do desenvolvimento deste profissional. Torna-se importante, portanto, uma reflexão acerca de como está sua formação atualmente.

A formação de professores está relacionada à formação profissionalizante daqueles que formam outras pessoas. Assim, é possível considerar tratar-se de uma atividade que visa desenvolver e profissionalizar os docentes.

Com base nisso, a formação de professores representa um encontro entre pares (formador e formando) com o intuito de contribuir e mudar o contexto, sempre em cenário organizado. Busca, com isso, a participação consciente do formador e do formando com objetivo bem delimitado, favorecendo a troca de conhecimentos com intencionalidade.

A formação docente requer um conjunto de ações que fazem com que seja promovida uma formação que visa a emancipação profissional do docente para realizar crítica reflexiva e eficazmente. É, pois, um estilo de aprendizagem significativa aos alunos e um pensamento-ação inovador, trabalho em equipe com os pares para desenvolvimento de um projeto educativo comum.

Alguns estudiosos da educação defendem a imagem do docente como um sujeito reflexivo e inovador, mas que por vezes existem outras formas de caracterizar esse professor como: pessoa, colega, companheiro, facilitador da aprendizagem, investigador, sujeito que desenvolve o currículo, sujeito que toma decisões, líder entre outros. Essas várias imagens do professor estão relacionadas às diferentes concepções e formas de ensino. Influenciam outros tantos modelos de formação de

docentes que fomentam distorções e descaracterizam a formação do professor. Ser professor implica em lidar com outros professores, alunos e escolas.

A formação de professores é a área de conhecimento, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através das quais professores – em formação ou em exercício – se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem. (MARCELO GARCIA, 1999, p. 26).

É por meio dos processos que envolvem a docência que os docentes aprendem e desenvolvem sua competência profissional.

A formação de professores pode ser entendida como uma atividade que ocorre individualmente, e em grupo, e que considero, particularmente, mais interessante do ponto de vista de desenvolvimento da docência.

Segundo Marcelo Garcia, (1999, pg. 27-29) ao abordar a formação de professores é interessante pensar em alguns princípios básicos:

Um primeiro princípio é o de conceber a Formação de Professores como contínuo.

O segundo princípio faz referência à necessidade de integrar a formação de professores em processo de mudança, inovação e desenvolvimento curricular, ou seja, trabalhar em conjunto.

O terceiro princípio é valorizar o contexto da escola, que é o mais próximo da formação do professor, aquele que é possível transformar.

O quarto princípio é a da articulação, integração entre a formação de professores em relação aos conteúdos propriamente acadêmicos e disciplinares, e a formação pedagógica dos professores;

O quinto princípio refere-se à integração teoria e prática na formação de professores;

O sexto princípio está relacionado à necessidade de procurar a correspondência entre a formação do professor e a forma de educação que será solicitada para que ele desenvolva;

O sétimo lugar está relacionado à individualização como fator integrante de qualquer programa de formação de professores. Ensinar implica conhecimento científico, tecnológico e artístico, ou seja, ensinar não deve ser um processo homogêneo para todos os sujeitos, é importante conhecer as características do público de professores para que assim sejam desenvolvidas toda as suas próprias aptidões e potencialidades.

Para Nono (2011, p. 15), ao abordar a formação de professores, cabe ressaltar que se trata de diferentes momentos e que atravessam a formação inicial, o ingresso na carreira, a estabilidade da carreira docente, fase em que questiona a escolha pela carreira docente. O professor dentro desta formação está sempre enfrentando diferentes problemas, expectativas, mas de forma alguma deixa de construir seus aprendizados para contribuir com seu conhecimento profissional.

A construção do perfil do docente envolve muita dinâmica, pois o professor, durante sua formação, está sempre dedicado a demandas que irão influenciar na sua formação e atuação. Na condição de aluno, o professor depara-se com estereótipos e imagens da docência difíceis de serem superados. São, portanto, valores, atitudes que envolvem o desenvolvimento de sua formação/carreira docente.

A carreira docente atravessa diferentes fases. Segundo Huberman (1993, apud NONO, 2011, p. 16), apresentam as seguintes características:

A entrada na carreira é caracterizada pelo período de sobrevivência identificado como a fase em que o professor enfrenta a realidade da educação ao começar sua atuação. Sabemos que as salas de aula são lugares cheios de movimento e diferentes situações. É também um espaço frequentemente discrepante entre o chamado ideal educacional e o cotidiano da, frente aos cenários que estão estritamente relacionadas aos currículos fragmentados, gestão de sala de aula, falta de materiais didáticos, entre outros.

Ao mesmo tempo, depara-se com toda a realidade que envolve a sala de aula. Há também o fator entusiasmo, por finalmente conseguir entrar para a carreira docente e se tornar um profissional de educação. O entusiasmo, nesse momento, contribui para a superação de dificuldades já citadas aqui.

A estabilização é a fase em que o professor assume o compromisso com a profissão docente. É considerada a fase mais positiva, pois já consegue ter um maior controle da turma, domínio de técnicas e conhecimentos que contribuem para o desenvolvimento pedagógico, facilitando o desenvolvimento das aulas desde materiais até a didática mais adequada para os diversos cenários que se depara na sala de aula.

A fase de experimentação ou diversificação é caracterizada como o momento em que alguns professores buscam causar maior impacto nas aulas. Entretanto, para outros, está mais voltada para o institucional. Assim, por já estarem estabilizados na

carreira, buscam resolver situações que impactam na sua atuação em sala de aula, que por vezes gera uma certa incerteza em relação à carreira docente frente aos desafios que encontram, do ponto de vista institucional, e que impactam na sala de aula.

A fase de procura por uma situação profissional estável relaciona-se ao fato de o professor questionar sua eficácia como docente. Isso é aprofundado por estar sempre rodeado de alunos mais jovens. Cabe destacar que esse período é caracterizado de duas formas: serenidade e distanciamento afetivo; os professores sentem-se menos enérgicos, menos preocupados com os problemas enfrentados no cotidiano da sala de aula/escola, o que ocasiona esse distanciamento afetivo com relação aos alunos. A segunda forma está voltada para o grupo de professores que fica estagnado, pouco se preocupa com seu desenvolvimento profissional, ou seja, o professor torna-se conservador, não permitindo a si a possibilidade de novos aprendizados. A partir disso, passa a questionar todos aqueles que fazem parte da escola – alunos, colegas de trabalho, equipe gestora etc.

Dependendo da forma como o professor encara essa fase negativa ou positiva, pode gerar uma preocupação maior em relação ao desenvolvimento dos alunos. Os docentes buscam aproximar-se dos colegas para fazer parcerias. É importante destacar que, normalmente, buscam seus pares mais próximos no ambiente escolar, além de se aproximar de alunos pelos quais tem mais identificação e também com suas classes. Já o outro lado (o negativo) pode ocasionar um olhar de frustração em relação à carreira que seguiu, afetando os professores que estão entrando na carreira, face ao seu descontentamento estampado e a frustração na carreira.

Os primeiros anos na docência são considerados um período de grande aprendizado, promovendo a permanência na profissão docente como também o tipo de professor que virá a ser. Alguns elementos são marcantes ao professor iniciante e devem ser levados em consideração na construção da identidade docente: pessoais, formativos e de prática profissional.

Essa fase também é marcada, nos dias atuais, por questões que geram desconforto ao professor iniciante e que se refere à toda formação que recebeu na universidade e à prática do cotidiano nas escolas. Aquilo que aprenderam foge ao padrão que é encontrado na escola, e isso fica evidente no momento em que

começam a lecionar e precisam rever constantemente as práticas de ensino. Assim, deparam-se com a tensa realidade das salas de aula, como falta de recursos materiais, de condições adequadas de trabalho, violência, alunos defasados em conhecimentos básicos, demandas burocráticas das escolas que impossibilitam que o professor possa desenvolver-se pedagogicamente. Esse período torna-se um tanto dramático e até mesmo traumático. Esse choque de realidade faz com que muitos professores novatos questionem seus ideais como docentes, readequando suas expectativas e, por vezes, desistindo da carreira docente.

Dentro deste cenário, Nono (2011, p. 22-23) faz referência ao estudo desenvolvido por Ada Abraham (1975, apud Esteve Zaragoza, 1999 p. 44-45), que identifica algumas situações que os professores iniciantes enfrentam ao perceber que a prática docente não condiz com seus ideais constituídos durante a formação:

1. O predomínio de sentimentos contraditórios, sem conseguir esquemas de atuação prática que resolvam o conflito entre ideais e realidade. O professor vai adotar uma conduta flutuante em sua prática docente e em sua valorização de si mesmo;

2. A negação da realidade devida à sua incapacidade de suportar a ansiedade. O professor vai recorrer a diversos mecanismos de fuga; entre eles, os de inibição e rotinização de sua prática docente, mais frequentemente utilizados como meio de cortar a implicação pessoal no magistério;

3. O predomínio da ansiedade, quando o professor se dá conta de que carece dos recursos adequados para pôr em prática seus ideais e, ao mesmo tempo, manter o desejo de não renunciar a eles e de não cortar sua implicação pessoal no magistério. A contínua comparação entre sua pobre prática pedagógica e os ideais que desejaria alcançar o levarão a esquemas de ansiedade quando o professor reage de forma imperativa, querendo compensar com seu esforço pessoal males endêmicos do magistério. As manifestações depressivas aparecem nesse mesmo esquema, quando, na comparação, o professor chega à autodepreciação, culpando-se pessoalmente por sua incapacidade de chegar à prática dos ideais pedagógicos aprendidos;

4. A aceitação do conflito como uma realidade objetiva, sem maior importância que a de buscar respostas adequadas nos limites de uma conduta integrada.

Ao ler a respeito da formação de professores, é possível constatar que, mesmo com todas as dificuldades para se manter na carreira, buscam-se qualificar, pois têm como objetivo contribuir para o desenvolvimento dos alunos e, como consequência, da sociedade

1.1 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES INICIANTES

A formação do professor está intimamente ligada aos fatores sociais, políticos e econômicos da nossa sociedade em cada um de seus momentos históricos.

Segundo Marcelo Garcia (1999 p. 77), a formação de professores vem sendo desenvolvida cumprindo basicamente três funções:

A de formação e treino que consiste em promover uma formação de futuros professores, de modo a assegurar uma preparação consonante com as funções profissionais que o professor deverá desempenhar. Em segundo lugar, a instituição formativa tem função de controle da certificação ou permissão para poder exercer a profissão docente. Em terceiro lugar, a instituição de formação de professores tem dupla função de ser, por um lado, agente de mudança do sistema educativo, mas, por outro lado, contribuir para a socialização e reprodução da cultura dominante.

Seguindo esta linha de raciocínio, surge uma concepção de currículo voltada para a formação inicial, de modo a compreender de que modelo de escola estamos falando, de que ensino e de que professor estão sendo considerados na criação e desenvolvimento do currículo. Assim, pode-se considerar que existem três modelos de currículo, integrado, colaborativo e segmentado, assim definidos por Lasley e Payne (1991 apud Marcelo Garcia, 1999 p. 77-78):

O currículo integrado é caracterizado pela interdisciplinaridade, exigindo um compromisso elevado dos professores para o cumprimento dele, o que poderia dificultar sua concepção em função das diferentes rotinas que os professores vivenciam em diferentes segmentos educacionais.

O currículo colaborativo busca trabalhar de forma inter-relacionada, para que, mantendo as disciplinas separadas, mas integrando-as por meios de temáticas comuns. O professor tem o papel de sintetizar dados de outras disciplinas.

O currículo segmentado é o mais comum e tem como marca a pouca relação entre os conteúdos, fazendo com que o estudante seja o responsável por estabelecer as relações entre as disciplinas.

A partir das considerações acima, pode-se afirmar que a formação do professor precisa ser verificada, ou a escola poderá entrar num processo de retirada

da sua função social. O professor que antes não percebia as relações entre conteúdos em função de sua formação, precisa refletir sobre seu saber, seu fazer e seu saber-fazer, promovendo o individual e o coletivo indissociavelmente.

Infelizmente, foi se criando uma cultura na formação de professores de modo que “ele” já saísse pronto, mas que, ao exercer sua função, faz-se necessário aumentar seus conhecimentos.

Os programas de formação de professores devem abordar fatores que são essenciais – precisam ser desenvolvidos, valorizando as competências de saber relacionar e se relacionar, saber organizar e saber organizar-se, saber analisar e saber analisar-se. (NÓVOA, 2002)

Nos primeiros anos, os professores além de ensinar também aprendem. A medida que o professor vai se desenvolvendo, precisa relacionar-se com os seus pares, colegas de profissão, e alunos. Isso faz com que os conhecimentos, as experiências vividas em sala de aula, sejam essenciais no processo de desenvolvimento da docência.

É possível constatar também que o professor iniciante, geralmente, é aquele indicado para ficar com as turmas consideradas por seus colegas de trabalho como as mais difíceis, no sentido de alunos com maiores variáveis de aprendizado.

Freitas (2000, apud NONO, 2011, p. 32) analisa tal ponto como desumano, porque coloca o professor iniciante para realizar aquele trabalho difícil e que não oferece reconhecimento. Faz com que o professor enxergue os problemas que ocorrem nas aulas como apenas seus, não diferenciando suas dificuldades da dos alunos, evitando pedir auxílio e compartilhar com outros colegas ou profissionais da escola, com receio de revelar incompetência e de tornar público um sentimento de fracasso profissional (FONTANA, 2000 apud NONO, 2011 p. 32).

Durante sua trajetória, o professor vivencia fases de descoberta, possibilitando o confronto com o novo e, principalmente, a exploração de novas ações. Posteriormente, adquire mais consciência do seu papel e de sua responsabilidade como profissional da educação.

Cabe considerar que, em muitos casos, o professor iniciante, nos 6 primeiros anos de docência, vivencia a educação na sua mais pura realidade e isso faz com que ele possa ressignificar ou manter posturas na sua ação profissional.

Refletir sobre a prática é um ponto essencial na formação de professor para que seja possível reconhecer a complexidade e a singularidade da maioria das situações de ensino-aprendizagem.

Frente a estas considerações, é possível considerar que os anos iniciais da carreira docente são um período de desenvolvimento e concepções que irão contribuir para o processo de desenvolvimento profissional da docência, mas que também pode trazer alguns “traumas” que podem vir a acompanhá-lo, se não tiver um espaço consolidado para favorecer a troca com seus colegas.

1.2 FORMAÇÃO CONTINUADA E PRÁTICA PEDAGÓGICA

Formar professores envolve algumas situações bem particulares já mencionadas ao longo deste trabalho. Busca-se trabalhar com a realidade local e com transformações que vem acontecendo ao longo do tempo na sociedade, ou seja, o processo de formação do professor não deixa de existir, mas para que ela não acabe, é necessário que compreenda sua importância como profissional.

Para alguns estudiosos da educação, como Shulman, os professores, mesmo atentos às dificuldades que irão enfrentar na docência, buscam pensar no ensino de conhecimentos a seus alunos. Para isso, o professor precisa possuir conhecimento de conteúdo específico no âmbito pessoal e conhecimento das maneiras de compreensão, de modo a facilitar o entendimento do conteúdo pelos alunos. Este movimento possibilita que o docente seja, de certa forma, forçado a investigar seu entendimento pessoal sobre o conteúdo que irá ensinar.

O conhecimento do conteúdo que será ministrado é parte central no alicerce do desenvolvimento do professor para o ensino e impacta diretamente na forma como ensinam, ou seja, o planejamento. O decorrer das atividades em sala irá requerer do professor conhecimentos que possui acerca do conteúdo específico que será enriquecido por outros tipos de conhecimentos dos alunos, pelo contexto e pelo currículo, mas é necessário que o docente tenha o conhecimento específico do qual necessita para desenvolver suas aulas, pois isso influenciará todo o resto, que inclui propor questões, selecionar atividades entre outros.

Pode-se dizer que existe uma preocupação dos professores em todos os segmentos com a aprendizagem dos alunos. Porém, ao levar mais em consideração

o que aluno sabe para preparar suas aulas, acaba por deixar outros aspectos de lado e que contribuem também para a formação do aluno.

Diante das constantes transformações que fazem parte da sociedade, a necessidade de dominar os conteúdos e habilidades – análise, síntese, estabelecimento de relações, interpretação e uso de diferentes linguagens necessárias para a constante busca da informação – é essencial. Trabalhar conteúdos não é só transferir informação, mas estabelecer relações, promover acesso a informações que contribuirão para vida social e produtiva.

Shulman (1989, apud NONO, 2011 p.47- 48) destaca em seus estudos a necessidade de o professor desenvolver, durante sua formação, o conhecimento pretendido de princípios, normas, regras e as diferentes formas.

Para Shulman (1989, apud NONO, 2011), o conhecimento científico de regras e princípios e o conhecimento de casos de ensino detalhadamente descritos e criticamente analisados são essenciais para constituir estratégias e ações para a formação teórica e prática do docente, possibilitando a adaptação para as diversas variáveis que envolvem a atuação docente.

Sobre a formação continuada, Shulman (2016, p. 124) acrescenta que o professor, para ser competente no que faz, desenvolve-se em comunidades de aprendizagem e, como consequência, estará disposto e, principalmente, capacitado para ensinar e aprender com suas vivências em sala, logo ele é:

Preparado (tem visão), Disposto (tem motivação), Capacitado (tanto sabendo, como sendo capaz de 'fazer'), Reflexivo (aprende com a experiência) e Comunitário (agindo como membro de uma comunidade profissional). Cada uma dessas dimensões envolve aspectos do desenvolvimento pessoal/profissional e pode conectar-se com parte de um currículo de formação docente ou de formação continuada. (SHULMAN, 2016, p. 124).

Ainda nesse sentido, Shulman (2016, p. 124) enfatiza que os professores tornam-se:

- preparados para seguir uma visão de salas de aula ou escolas que constituem, por exemplo, comunidades de aprendizagem;
- dispostos a despender a energia e a persistir para colocar em prática esse tipo de ensino;
- que compreendem os conceitos e princípios necessários para esse tipo de ensino;
- capazes de se engajar nas complexas formas de práticas pedagógicas e organizacionais necessárias para transformar suas visões, motivações e

compreensões em realidade pragmática e funcional; capazes de aprender com as experiências, as próprias e as de outrem, por meio de reflexão ativa sobre suas ações e suas consequências; e

- capazes e experientes em trabalhar como membros de uma comunidade de aprendizagem e/ou na formação de tais comunidades em seus contextos de atuação docente.

Quando se trata da formação do professor, é bom lembrar que isso envolve racionalidade técnica, mas que aconteça num movimento de construção e responsabilidade dos atores envolvidos no contexto. Ou seja, que sempre considerem a necessidade de buscar conhecimentos em outros lugares e não se restringir às formações dadas pela escola. Deve também ser considerado seu interesse em contribuir para a formação dos alunos e nunca por imposição ou determinações arbitrárias.

Para o professor desenvolver-se é indicado investimento pessoal, que se tenha a autonomia de buscar um trabalho livre e criativo sobre os percursos e sobre os projetos próprios, com vistas à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional.

Percebendo essa “nova ênfase” de refletir sobre as vertentes do ensino, o professor busca sua identificação com o aluno para compreender de forma efetiva as dificuldades e problemas. Ao promover esses elementos, desenvolve o olhar crítico para buscar o melhor. Nesse movimento, é importante também que muitas ideias já desenvolvidas na prática docente busquem também consolidar as práticas exitosas ao perceber o desenvolvimento do aluno. Mas é importante que o professor tenha as ferramentas para perceber isso. Vale ressaltar que, para que isso aconteça, a formação na universidade também deve ser considerada. Deve-se aproximar a formação da universidade com as demandas contemporâneas importantes para construir os currículos da faculdade. Acredito que devam ser elaborados por pessoas conscientes e que conheçam a educação.

A formação continuada não se trata de acumular diplomas, títulos ou conhecimentos, mas sim de estabelecer um olhar reflexivo frente às experiências adquiridas e compartilhar informações com os pares da comunidade escolar.

O professor que tem clareza da importância da construção do conhecimento e compartilha/troca informações com os mais variados públicos têm mais consciência para trabalhar com os alunos.

Falta, ainda, na escola, o olhar interdisciplinar, pois o que vemos é cada disciplina fechada no seu mundo, a obrigatoriedade de cumprir programas disciplinares rígidos e o medo de possíveis sanções, seja de alunos ou da instituição. Caso o professor não siga as normas estabelecidas, pode ocasionar, o trabalho isolado, ou seja, o professor não se sente confortável para trocar experiências, realizar trabalhos interdisciplinares, resultando no empobrecimento das práticas pedagógicas.

A escola não pode permanecer como está, porque se torna inviável introduzir as mudanças necessárias. Sua organização precisa transformar-se para que novos hábitos sejam implementados, possibilitando que o professor consiga espaços para novas abordagens e maneiras de conceber o seu trabalho docente.

O docente deve ser o profissional que possibilite, no conjunto de suas ações, que os alunos desenvolvam habilidades cognitivas, emocionais, sociais, e que são fundamentais para a vida em sociedade. Para isso, precisa ter a liberdade e o conhecimento necessários para promover atividades que estimulem essas habilidades/competências mencionadas.

Para Mizukami (2003, p. 60):

É importante, no momento atual, compreendermos como os processos de aprendizagem profissional ocorrem, de forma a delinear os cursos de formação básica e programas de formação continuada que, de fato, promovam tal ou tais processos. Considerando o caso específico de programas de formação continuada, pode-se dizer que as reformas educacionais estão defendendo, cada vez mais, padrões acadêmicos elevados a serem atingidos por todos os alunos. Defendem também o redimensionamento dos papéis dos professores, já que é muito provável que a população que eles passarão a atender seja cada vez mais diversa – cognitiva, social, cultural, étnica, linguisticamente etc. –, exigindo deles conhecimentos mais profundos, flexíveis e sofisticados da matéria que ensinam e como desenvolver um ensino bem-sucedido. Sem esse conhecimento, é provável que o professor tenha dificuldades em sua tarefa de mediação dos saberes escolares para os estudantes. Para tanto, urge que eles estejam engajados em atividades de desenvolvimento profissional, precisando de tempo, espaço institucional e de investimento da escola e dos órgãos relacionados a políticas públicas, assim como de oportunidades para experimentar aprendizagens de formas compatíveis com as exigências das políticas públicas e para observar práticas de ensino que ajudem todos os alunos em suas aprendizagens significativas.

Ao trabalhar como docente, o conhecimento pedagógico é necessário, pois é a partir dele que o professor, ao trabalhar conteúdos mais particulares com suas turmas, poderá lançar mão de outros tipos de conhecimentos para que ele possa ser compreendido pelo aluno. Esses elementos contribuirão para que realize um

movimento pessoal ao confrontar-se com o processo de transformar em ensino o conteúdo aprendido.

Diante das preocupações em torno dos conhecimentos profissionais docentes, estudos sobre conhecimento pedagógico do conteúdo se configuram como uma das contribuições mais poderosas e atuais da investigação sobre a formação de professores. Trata-se do tipo de conhecimento específico da profissão docente, imprescindível ao desenvolvimento de um ensino que propicie a compreensão, a construção e a elaboração dos alunos. (MARCELO GARCIA, 1999, apud NONO, 2011, p. 49).

1.3 O PERFIL DO PROFESSOR FORMADOR NO ENSINO TÉCNICO

Como já mencionado no capítulo anterior, o mundo contemporâneo vem sofrendo muitas transformações. Isso resulta, entre outros fatores, em mudanças nos perfis profissionais. Tais modificações resultam em uma educação profissional que necessita seguir a contemporaneidade, relacionando-se também com a mudança do perfil docente que atua nesse segmento.

O aluno busca a educação profissional com o intuito de aprender uma função ou uma profissão. Neste contexto, as instituições de ensino profissionalizante organizam seus portfólios de cursos, que envolvem os docentes, materiais, entre outros recursos pedagógicos para promover a apropriação dos conhecimentos necessários para a atuação profissional.

Neste cenário, entendo que o professor de educação profissional é aquele que domina o saber ensinar, o saber disciplinar e o saber da profissão que está ensinando ao aluno, ou seja, precisa saber formar o aluno de maneira integral.

E como professor deve possibilitar o desenvolvimento da autonomia do aprendiz? O papel do professor, nesse panorama, é o de diagnosticar, prescrever, mas não o de executar, pois isto cabe ao aluno para que ele seja o protagonista de sua aprendizagem. O professor tem como objetivo dar assistência, acompanhar, contribuir, colaborar, exigir entre outros.

E para que o professor realize esse papel precisa, segundo Rehen (2009, p. 57):

Conhecimento aprofundado, experiência e visão crítica dos fazeres profissionais do mundo do trabalho, das tendências processuais, dos usos tecnológicos envolvidos com a profissão a ser aprendida pelos alunos;

Domínio pedagógico para fazer jovens e adultos aprenderem, levando-os a constituir competências a partir da escola e no contexto do trabalho;

Domínio de seu campo específico do saber, para fazer escolhas relevantes de conteúdos e realizar a sua transposição em situação de aprendizagem para o trabalho e a vida cidadã.

No movimento desses três aspectos, o professor pode buscar o equilíbrio e ser um mediador. Poderá também fomentar oportunidades de desenvolvimento e aprendizagens relevantes e significativas para a vida profissional e cidadã, que é essencial no fazer da docência.

Refletir sobre os requisitos exigidos do professor que atua com educação profissional na contemporaneidade, traz a necessidade ao exame do perfil requerido dos trabalhadores do setor produtivo, em decorrência das transformações sociais, laborais e econômicas.

A educação profissional, ao levar em consideração as transformações, necessita de professores com novas competências. Segundo Giroux (1997, p. 127. apud. REHEM, 2009, p. 82), o atual apelo por mudança apresenta, aos professores, tanto uma ameaça quanto um desafio. É ameaça quando os sistemas desconsideram o papel que os professores desempenham na preparação dos aprendizes para serem cidadãos ativos e críticos, ou ignoram a inteligência, julgamento e experiência que os professores podem oferecer para enfrentar essas mudanças. Já o desafio apresentado aos professores refere-se à dupla necessidade de, criticamente, desenvolver currículos (ou apropriar-se deles), que satisfaçam a objetivos específicos. Mas que também possa exercer seu papel fundamental de intelectual transformador, que combine a reflexão e a prática acadêmica a serviço da educação dos estudantes, para que sejam cidadãos reflexivos e críticos.

Levando em consideração o contexto, o professor precisa conduzir o aluno a construir conhecimentos de forma crítica e reflexiva, e não apenas ser o transmissor desses conhecimentos. O cenário desenhado na educação profissional exige que o professor tenha a capacidade de relacionar teoria e prática e supere a especialização fragmentada do conhecimento, que são reforçadas pelas disciplinas estagnadas nos

currículos formativos dos trabalhadores. Assim, é possível que transforme suas práticas em algo dinâmico, estimulando a pesquisa pelos alunos dos contextos sociais, científicos e tecnológicos.

De acordo com Rehem (2009), o perfil profissional do professor de educação técnica aponta para cinco grupos de competências estratégicas para a contemporaneidade, sendo que as competências 1 e 5 são comuns a todos os professores e foram contextualizadas para a educação profissional. As competências 2,3 e 4 são bem específicas no campo da educação técnica, conforme segue:

As competências identificadas com a mediação da aprendizagem agrupam capacidades relativas a: gestão de progressão das aprendizagens dos alunos; organização dos programas, conteúdos, dispositivos didáticos; comunicação, conhecimento e observação de dificuldades de aprendizagem e sua mediação; avaliação positiva e libertadora; diferenciação do ensino; envolvimento real dos aprendizes; escolhas de atividades; exploração de recursos eficazes; criação de clima propício a aprender; promover nos educandos a conquista da autonomia de aprender a aprender.

As competências ligadas às disciplinas ensinadas exigem capacidades para: apropriação de saberes eruditos que envolvem toda a disciplina; integrar esses saberes eruditos a saberes ensináveis, a partir de vivência e saberes já presentes dos alunos; planejamento dos conteúdos a serem ensinados através da interdisciplinaridade; conhecimento aprofundado de programas exigidos pelo setor produtivo e pela sociedade, relacionados com a formação técnica pretendida.

As competências exigidas em relação à sociedade, aos processos produtivos e ao mercado de trabalho. Agrupam capacidades de: saber fazer o que ensina; identificar demandas das sociedades aos técnicos. Conhecer os processos de produção relativos à formação técnica objeto do curso em que leciona; saber formar profissionais éticos, que saibam produzir em equipe; identificar e conhecer os sistemas educativo, produtivo e social; perceber mudanças tecnológicas, sociais, econômicas que impactam na formação dos aprendizes, promover continuamente os ajustes necessários.

As competências relacionadas com o papel social da escola e da educação profissional inserida numa sociedade democrática englobam capacidades de: participar na formulação e execução do projeto político pedagógico da escola técnica;

participar da elaboração do currículo para formação profissional e cidadã; compreender a formação do aluno de modo integrado; saber exercer liderança educacional.

As competências inerentes à pessoa reúnem as capacidades de saber ser e saber tornar-se professor reflexivo sobre sua própria ação docente e sua conduta profissional, os valores que professa e prática, sua ética profissional, seu aperfeiçoamento continuado e permanente como professor que forma profissionais.

2. A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO SENAC

O presente capítulo visa caracterizar o cenário da educação profissional no Brasil relacionando com a instituição que é objeto de pesquisa para construção do trabalho.

Dentro desta perspectiva, será dada ênfase aos cursos de qualificação profissional, que contemplem também o atendimento voltado para Institutos, ONG's que atuam com jovens em contextos de vulnerabilidade e os professores que atuam com esse público.

Cabe salientar que as informações sobre o Senac São Paulo foram retiradas dos documentos oficiais da Instituição.

2.1 A HISTÓRIA DO SENAC

O Senac foi criado pelo Governo Federal no cenário das grandes transformações sociais, políticas e econômicas que marcaram a década de 40, pelo Decreto-Lei nº 8.621, de 10 de janeiro de 1946¹. Partindo do decreto, foi verificada e instituída a necessidade de qualificar e preparar para atuação nas mais diversas atividades de comércio de bens e serviços, tendo como premissa o caráter e o compromisso de criar, executar, organizar e administrar, em todo o território nacional, as escolas de aprendizagem comercial, a princípio preparando e atuando com jovens,

¹ Informações sobre a história do Senac São Paulo retirada do portal da Instituição. Disponível em: <http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a718.htm&testeira=457>. Acesso em 02 nov. 2019.

entre 14 e 18 anos, para o trabalho e, ao mesmo tempo, oferecendo oportunidades de aperfeiçoamento de adultos.

Em 13 de julho do mesmo ano, foi criado o primeiro conselho regional – São Paulo sendo o primeiro a desenvolver os trabalhos, construindo assim sua história de sucesso em serviços educacionais.

Os primeiros cursos desenvolvidos foram: Praticante de Comércio e Praticante de Escritório, para jovens de 14 a 18 anos. Para os que não haviam concluído o primário, o Senac São Paulo oferece um curso Preparatório e, para os maiores de 18 anos, os cursos de Balconista de Tecidos, Calçados e Ferragens, Arquivista e Caixa-Tesoureiro. Para viabilizar o desenvolvimento desses cursos são instaladas, em março, algumas escolas Senac na Capital e nas cidades de Santos, Ribeirão Preto e Campinas. Lançamento da Universidade do Ar, programa de ensino a distância via rádio, promovido em parceria com o Sesc-SP, que inicia o Curso Comercial Radiofônico, transmitindo, a partir de novembro, aulas de Português, Aritmética Comercial, Ciências Sociais e Noções de Economia e Comércio.

Foi durante as décadas de 50 e 60 que o Senac começou a ampliar sua atuação com a aquisição de novas escolas e também novos cursos. Em 1955, iniciou a oferta do Ginásio Comercial para aprendizes, comerciários e dependentes de comerciários e, a partir de 1959, os Cursos Técnicos regulares de Contabilidade, Administração e Secretariado.

Também durante essa década é feita a Organização do Setor de Assistência Didática ao Ensino Comercial - SADEC, em convênio com o Ministério da Educação e Cultura, que tinha como proposta fornecer assistência didática, incluindo material, a todos os professores de Ensino Comercial do Estado. Utilização, pela Escola Senac Brasília Machado Neto da metodologia de empresas fictícias, objetivando um treinamento mais adequado aos alunos das aulas de Prática de Escritório e Comércio.

A década de 70 foi um período de rápido desenvolvimento econômico e empresarial. Marcantes mudanças na legislação afetaram a educação profissional. A Lei Federal nº. 5.692/71 generalizou a profissionalização no nível do ensino médio regular, então 2º grau, fazendo com que o Senac pudesse concentrar-se na profissionalização independente do ensino regular, possibilitando a substituição dos cursos técnicos regulares pela oferta de diversificados cursos de qualificação profissional, inclusive os que conduziam à habilitação técnica. Foi nesse período

também que a Universidade do Ar e o curso Ginásio Comercial começaram a ser gradativamente extintos.

Ao mesmo tempo em que alguns cursos iam sendo extintos, outros foram sendo criados fazendo com que a escola ampliasse seu portfólio de serviços, transformando suas então denominadas Escolas em Centros de Formação Profissional e que, posteriormente, passariam a ser Centros de Desenvolvimento Profissional, acrescentando o atendimento às empresas em geral e à própria comunidade. A partir dessa ampliação e transformação, é importante ressaltar a implantação de empresas-pedagógicas de várias áreas, consolidando o primeiro Hotel-Escola, em Águas de São Pedro, e a criação de unidades diferenciadas para atendimento, inclusive por meio de unidades móveis, em cidades do Estado não atendidas por seus Centros. Unidades específicas ofereceram cursos e programas por correspondência e os voltados para empresas, estes favorecidos pela Lei nº. 6.297/76, que permitia incentivo fiscal àquelas que investissem em capacitação de seus funcionários.

Em função da crise econômica vivenciada na década de 80, foram caracterizadas grandes mudanças no mundo do trabalho, impactando também em outras ocupações dos postos de trabalho. Novos perfis de formação profissional foram solicitados, promovendo assim uma reavaliação do portfólio dos cursos para atender as mais variadas ocupações do mercado de trabalho. Foi um período em que o Senac também buscou trabalhar com outras formas e fontes de financiamento de suas atividades, o que resultou na aceleração do desenvolvimento institucional, como Unidades Especializadas em determinados segmentos do mercado, que foram responsáveis pelo desenvolvimento de produtos e pela programação da respectiva área.

Com esse desenvolvimento, foi possível a expansão da rede física, que prosseguiu na década seguinte, com a implantação de unidades em bairros da Capital e em cidades do Interior do Estado, inclusive o segundo Hotel-Escola, em Campos do Jordão.

Com a implantação do Curso Superior de Tecnologia em Hotelaria, a partir de 1989, a instituição ingressou na Educação Superior, proporcionando a criação das Faculdades Senac, que hoje fazem parte do Centro Universitário.

Os anos 90 trouxeram mudanças ainda mais rápidas e profundas para o setor de comércio de bens e serviços. Para orientar sua atuação, o Senac São Paulo construiu, com ampla participação, a Proposta Estratégica para a década, considerando a sua história, o conhecimento e experiências acumulados, antecipando desafios e oportunidades e projetando uma visão de futuro.

Foram criados novos cursos no Ensino Superior e também marca a criação do programa Alfabetizando Jovens e Adultos, ação do Programa Senac-SP de Educação e Cidadania pela erradicação do analfabetismo, com duração de dois anos, oferecendo ao final do curso um atestado equivalente à 4ª série do Ensino Fundamental.

Nos anos 2000, novos olhares de gestão empresarial foram incorporados à organização. As parcerias com outras empresas são fortalecidas e também a continuidade da ampliação da rede de escolas, toda a parte de equipamentos para estruturação e atualização da rede e do investimento, a ampliação do trabalho de educação sociocomunitária, como o Programa de Educação para o trabalho, que capacitava jovens para o mundo do trabalho, os programas de internacionalização, a orientação para público/cliente e desenvolvimento de pessoas e nas mudanças estruturais. Durante esse processo, foram criadas as Unidades Regionais, com função de operacionalização dos programas desenvolvidos pelas Unidades Especializadas e responsáveis pela coordenação da ação das Unidades Operacionais a elas vinculadas.

Outras formas de atuação agregaram-se, com a Editora Senac São Paulo e a Rede Sesc/Senac de Televisão, projetos de educação a distância, ações de responsabilidade social, pesquisas aplicadas, atividades de extensão e serviços de consultoria, entre outros.

Ainda nos anos 2000, a instituição organiza-se para pensar na nova Proposta Estratégica para a década 2001–2010, sempre buscando a participação coletiva, analisando os cenários que envolvem a educação profissional.

Seguindo sua visão, missão e valores, o Senac busca promover, por meio de ações educacionais comprometidas com ações de responsabilidade social, inovadoras, diversificadas e humanamente solidárias por meio das seguintes premissas:

Para o cumprimento de sua missão e a concretização de sua visão de futuro, foram estabelecidas sete macroestratégias, ou grandes rumos, que indicam os focos prioritários nos quais a organização concentrará seus esforços na década 2001-2010²:

1. Educação: ênfase na aprendizagem voltada para o desenvolvimento de competências, autonomia e cidadania. A educação é sua razão de ser e negócio central, incluindo, além do domínio operacional de determinados fazeres, a compreensão global do processo produtivo, a apropriação do saber tecnológico, a valorização da cultura do trabalho, o desenvolvimento do espírito empreendedor e de iniciativa, bem como a mobilização dos valores necessários à tomada de decisões com autonomia;

2. Pessoas: é a essência da instituição, tendo a convicção de que o diferencial competitivo das organizações decorre da qualidade de suas pessoas. Para isso, mantém o desenvolvimento de equipes competentes, motivadas e com alta capacidade de agregação de valor à instituição e aos seus clientes;

3. Responsabilidade Social: educação para a inclusão social, com ênfase na cidadania e na inserção produtiva, como sua vocação e seu compromisso básico. A instituição pratica uma gestão socialmente responsável, exercendo uma ação comunitária relevante que constitua exemplo para a sociedade e outras instituições;

4. Internacionalização: reciprocidade, sintonia e inserção seletiva no mercado internacional, aproximando-se de instituições internacionalmente reconhecidas e, até mesmo, prestando serviços no exterior, no campo da educação profissional, em suas áreas de excelência;

5. Tecnologia da Informação: desenvolvimento e consolidação de sua dimensão digital, tendo como opção estratégica prioritária inserir e manter a instituição no novo ambiente social, tecnológico e produtivo, permeado pela tecnologia da informação;

6. Autossustentabilidade Operacional: assegura o crescimento e o desenvolvimento autossustentados. O desafio da autossustentabilidade significa realizar uma receita composta pela venda de produtos e serviços mais os recursos advindos de parcerias e projetos com governos, empresas e instituições, equivalentes

² SENAC SP. Proposta Pedagógica. Disponível em: <http://www.sp.senac.br/pdf/29550.pdf>
Acesso em: 02 nov. 2019. (p. 5)

ao somatório das despesas de custeio das operações. A geração de receitas alternativas, a melhoria da qualidade dos gastos e o gerenciamento de custos são, também, elementos deste desafio;

7. Organização e Gestão: desenvolve e consolida um modelo dinâmico, flexível e empreendedor, assegurando que seu modelo de organização e gestão seja um dos suportes fundamentais para o êxito da estratégia e para a eficácia operacional da instituição.

O investimento na educação superior tem como resultado, da maior relevância, a implantação e consolidação do Centro Universitário Senac, com seu Campus Santo Amaro, o principal, localizado na Capital, e os Campi de Águas de São Pedro e de Campos do Jordão, além da oferta de cursos e programas de educação superior em outras unidades do Estado.

O Senac São Paulo amplia, assim, um movimento iniciado em 1989, com aumento significativo no portfólio de produtos e serviços e a diversificação do perfil dos clientes pela inclusão dos cursos de graduação e de pós-graduação - lato sensu, com cursos de especialização, e stricto sensu, com programas de mestrado profissional e acadêmico.

Neste cenário de ampliação e investimento, as unidades ganham Bibliotecas, que são espaços de muito movimento e ocupação pelos alunos, além de promover atividades diversificadas para alunos e comunidade do entorno.

A supervisão educacional própria, conforme delegação recebida anteriormente da Secretaria Estadual de Educação, que tem como órgão responsável a Gerência de Desenvolvimento Educacional, tem seu processo descentralizado de execução, com Supervisores Educacionais nas Unidades. Cada unidade conta um técnico Supervisor que acompanha e orienta as práticas administrativas e pedagógicas.

Em 2005, surge uma nova configuração, com a mudança das Unidades Especializadas e das Regionais para Unidades Operacionais, e a criação de quatro Gerências de Desenvolvimento e de três Gerências Operacionais.

As Gerências de Desenvolvimento agrupam áreas afins de conhecimento e de atuação profissional e são responsáveis pelo desenvolvimento e atualização de cursos, programas, produtos e serviços educacionais, nas diferentes áreas de negócios. Mais especificamente, sua função é pesquisar demandas de educação

profissional a partir de dados e tendências emitidas pelo mercado, elaborar produtos e serviços que correspondam a isso e promover sua implantação na rede.

As Gerências Operacionais correspondem às três regiões do Estado, são responsáveis pela rede de Unidades Educacionais do Senac São Paulo e têm a função primordial de articular e monitorar a distribuição de serviços e produtos educacionais pela rede de Unidades.

O Senac São Paulo busca, cada vez mais, ser uma referência nacional de qualidade em Educação Profissional. Procura exercer, em relação às diversas instituições educativas, às diferentes comunidades de trabalho e aos diferentes setores da sociedade, um papel integrador na tarefa de produção, disseminação e aplicação do conhecimento em comércio de bens e serviços, procurando atingir um padrão internacional de qualidade, por meio da contínua incorporação de modelos e referências mundialmente reconhecidos.

Para atingir este padrão, implementa em todos seus órgãos centrais e em suas unidades o Sistema de Qualidade Educacional, que contempla os princípios, os valores e o Compromisso com a Qualidade do Senac São Paulo, associados a critérios de excelência em qualidade das empresas de classe mundial, buscando padronizar as melhores práticas de qualidade em toda a instituição.

Desenvolve, pois, um sistema de gestão organizacional voltado para o alto desempenho e para a satisfação dos usuários. Nesse sentido, compromete-se publicamente com os seguintes princípios da qualidade:

1. Educação: construção, disseminação e aplicação de conhecimento que favoreça o desenvolvimento de competências e autonomia, visando a educação de um cidadão ético e produtivo;

2. Responsabilidade social e ambiental: atuação efetiva no processo de transformação econômico-social, com uma atitude cidadã que contribua para o desenvolvimento sustentável das comunidades e do país;

3. Pessoas: investimento permanente em conhecimento e contínuo aprimoramento humano e profissional de colaboradores, clientes e organizações;

4. Gestão do conhecimento: aprimoramento contínuo dos processos de trabalho frente às mudanças no ambiente econômico, social, cultural e tecnológico;

5. Internacionalização: participação, sintonia e reciprocidade com o mercado globalizado;

6. Práticas avaliativas: avaliação sistemática da ação institucional, buscando referenciais de excelência internos e externos.

Outro ponto importante sobre o Senac é o programa Senac de Gratuidade, que foi firmado em 22 de julho de 2008 e tem como objetivo oferecer ensino gratuito à população que tenha renda per capita de até 2 salários mínimos. Até 2013 foram concedidas 88.588 bolsas de estudos, fazendo com que o Senac promova qualificação profissional também às pessoas que não possuem condições de pagar por um curso de educação profissional.

Em 2015, outro marco importante na história do Senac é o alinhamento pedagógico, que é chamado de Modelo Pedagógico Senac, caracterizado como um conjunto de referências que contribuem para a construção da proposta pedagógica da escola e coopera para a ação desenvolvida pelo professor no processo de ensino e aprendizagem da Educação Profissional.

2.2 EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Com o começo das atividades, o Senac trabalhava em duas frentes educacionais distintas, a da escola que preparava pessoas para o ensino superior e a que trabalhava com a educação profissional, que buscava a formação de mão de obra para o mercado de trabalho. Neste sentido, os currículos da educação profissional visavam, única e exclusivamente, formar pessoas especializadas de níveis técnico-administrativo médio e básico para atender às demandas previsíveis do desenvolvimento industrial e comercial do país.

Nesta perspectiva não era solicitado aos alunos que procuravam a educação profissional atitudes de reflexão e autonomia, sendo caracterizado como um período muito conservador. Portanto não eram estabelecidas nas aulas relações que pudessem agregar discussões sobre o mundo do trabalho. Não se exigia do educando um pensamento transformador e crítico, o importante era cumprir tarefa.

Porém, como tudo se transforma, as instituições, motivadas por transformações em cenários sociais, políticos, econômicos, culturais e tecnológicos, e conseqüentemente, transformar as relações hierárquicas e rígidas que ainda são encontradas no interior da escola. É possível, assim, construir um ambiente de diálogo

entre educadores e educandos, promovendo a escuta ativa, a autoavaliação de docentes e alunos, e a responsabilidade e participação de todos.

Entre as principais transformações está o deslocamento da ênfase no ensino para a ênfase na aprendizagem. A educação passa a ser compreendida como um processo em que o aluno está envolvido ativamente, e no qual as diferenças devam ser consideradas e respeitadas.

Diante do ritmo acelerado da existência universal, em que se confrontam passado e presente, conservação e inovação, perpassa o mundo, a vida, a pessoa, a educação e a escola. Ao inaugurar o tempo das ideias, no espaço escolar, pode-se celebrar a relação do ser humano na sua incontida diferença: o seu “eu” inteiramente único, mas profundamente entrelaçado na vida coletiva local e global, contribuindo para uma educação que promova os conhecimentos científico, tecnológico, cultural, ambiental alinhando as competências necessárias para entrar e permanecer no mundo do trabalho.

Seguindo nesta direção, a educação profissional, no Senac São Paulo, busca desenvolver nas pessoas, organizações e comunidades, um processo de inserção por meio da participação e da responsabilidade crítica diante dos desafios. Por isso, em seus documentos institucionais, orienta que a atuação deva acontecer seguindo algumas orientações básicas:

Sensibilizar e mobilizar pessoas, organizações e comunidades para a busca de soluções para seus problemas, para a superação das diferentes formas de exclusão social, para o desenvolvimento sustentável e para a melhoria da qualidade de vida individual e coletiva;

Contribuir para que o educando desenvolva suas potencialidades, estimulando um contínuo processo de desenvolvimento, sendo fundamental a perspectiva de educação permanente;

Ter como valores e princípios a autonomia das pessoas, organizações e comunidades, a participação no coletivo no qual estão inseridas, a ética, a solidariedade e o respeito à diversidade.

2.3 A PROGRAMAÇÃO DOS CURSOS NA ESCOLA

O Senac São Paulo atua em todo o Estado e nas seguintes áreas de Negócios³:

Comunicação e Artes, Design, Moda, e Idiomas - com foco em públicos com afinidade em criação, expressão e senso estético.

Administração e Negócios, Informática e Tecnologia aplicada à educação a distância - com foco em públicos que buscam ferramentas e processos administrativos e de gestão.

Turismo, Hotelaria, Gastronomia e Lazer - com foco em públicos que prestam serviços para o setor de hospitalidade e entretenimento.

Saúde, Meio-ambiente, Educação e Desenvolvimento sociais - com foco em públicos que buscam o desenvolvimento sustentável das comunidades e o bem-estar pessoal e coletivo.

No nível da Educação Superior, além dos cursos e programas de Graduação – Tecnologia, Bacharelado e Licenciatura, oferece os programas de Pós-graduação – lato e stricto sensu e programas de Extensão, abrangendo diferentes Áreas de Conhecimento.

A Educação a Distância apresenta grande crescimento nos últimos anos, em face do avanço e das possibilidades de uso das novas tecnologias de comunicação e informação no processo de ensino/aprendizagem.

Se, anteriormente, a programação era baseada na descrição de cargos e ocupações, num contexto de mercado de trabalho relativamente estável, hoje procura focar-se na identificação das variadas necessidades de qualificação de profissionais e das competências deles requeridas. Na definição da programação, a escola leva em consideração também a disponibilidade de recursos físicos, humanos, tecnológicos, didático-pedagógicos, os aspectos legais, bem como as necessidades regionais e a receptividade dos alunos. Cada escola da rede, geralmente, é especializada em determinadas áreas, por exemplo, TI, saúde, moda entre outros. Seguindo as tendências do mundo trabalho e os mais diversos atores envolvidos neste contexto, o Senac define seus programas por meio dessas parcerias, sejam elas nacionais ou

³ SENAC SP. Proposta Pedagógica. Disponível em: <http://www.sp.senac.br/pdf/29550.pdf> Acesso em: 02 nov. 2019. (p. 9).

internacionais. A definição da programação será baseada em estudos, pesquisas e análises sociais e de mercado, considerando as variações de velocidade de mudança do processo produtivo, as características regionais, a demanda social, a geração de formas alternativas de trabalho e obtenção de renda, os fatores socioeconômicos e culturais, as constantes mudanças tecnológicas e as tendências e inter-relações das diversas áreas. Para tanto, é necessário⁴:

Realizar estudos de tendências de mercados emergentes e avaliar a atuação do Senac, para áreas de negócio e regiões, em nichos de excelência, definindo a programação em função desses, além de estimular um olhar mais amplo para as necessidades e carências sociais;

Organizar as ações de grupos de unidades para a reconfiguração de áreas de negócio a partir de uma leitura e interpretação de cenários, ambientes e tendências de mercado, incluindo a perspectiva de ações integradas e ações transformadoras na direção do desenvolvimento sustentável;

Definir padrões, procedimentos e sistemas internos que possibilitem incorporar, ao processo de distribuição dos produtos em rede, informações e dados sobre tendências e particularidades de mercados e de comunidades locais;

Estabelecer um padrão de portfólio de programação que, ao mesmo tempo em que atenda à necessidade de mercados e comunidades locais, clara e precisamente identificadas, também preserve a diversidade da oferta como um aspecto estratégico da instituição;

Subsidiar a revisão permanente de portfólios, com base em análise de ambientes, tendências e oportunidades;

Apoiar o desenvolvimento de estratégias que minimizem deficiências relacionadas com os pontos de distribuição dos serviços (distância, falta de transporte, estacionamento, estrutura física, inexistência de laboratórios e equipamentos), criando diferenciais de qualidade que possam ser facilmente comunicados e percebidos pelos usuários;

Alterar a organização, alcance e conteúdo da programação através da Educação a Distância (EAD) e do uso das novas tecnologias de informação e comunicação;

⁴ Ibid.

Definir um modelo de análise e monitoramento das atividades de comércio de bens e serviços, com o objetivo de obter, permanentemente, informações sobre revisões e aperfeiçoamentos do portfólio de produtos e serviços, entre outros assuntos corporativos;

Estimular planos de trabalho que incentivem a formação de pessoas empreendedoras, participativas, críticas e transformadoras da realidade organizacional e comunitária, e a apropriação dos saberes necessários ao exercício de sua cidadania.

2.4 MODALIDADES DE ENSINO

No Senac, as modalidades são os níveis educacionais previstos na legislação brasileira. Na instituição, a educação básica corresponde à formação inicial e continuada ou qualificação (também chamada dentro da Instituição de cursos livres) e, ainda, à educação profissional técnica de nível médio (cursos técnicos). Para o Senac, educação superior é ensino superior, que contempla educação profissional tecnológica de graduação, graduação e pós-graduação.

Cada um desses níveis está subdividido em modalidades. Abaixo será ilustrada apenas a modalidade (cursos livres) que é objeto de estudo deste trabalho, conforme segue⁵:

Os cursos e programas de formação inicial e continuada capacitam, aperfeiçoam, especializam e possibilitam a atuação profissional em todas as modalidades da educação profissional. Os cursos e programas livres não são regidos por nenhum ato normativo ou legal no que diz respeito à estrutura curricular. A oferta desses produtos é livre e fica a critério das instituições educacionais e de seus Projetos Pedagógicos, sendo regida internamente pelos documentos Plano de Curso e Plano de Aprendizagem. Estão divididos em aprendizagem comercial, aperfeiçoamento, capacitação, programas socioprofissionais, programas socioculturais, formação inicial e programas instrumentais. A certificação e os requisitos de acesso variam em cada uma dessas modalidades.

⁵ Fonte: Página da Intranet do Senac São Paulo.

2.5 APRENDIZAGEM COMERCIAL

Programa que desenvolve competências para o aprimoramento pessoal e profissional de jovens, com idade entre 14 e 24 anos incompletos, que estejam frequentando o ensino fundamental, médio ou superior, ou já tenham concluído o ensino médio, e ainda estejam contratados pelas empresas na condição de aprendizes. Confere certificado de conclusão.

2.5.1 PROGRAMAS SOCIOPROFISSIONAIS

Programas que desenvolvam competências voltadas ao aprimoramento pessoal e possam proporcionar a execução de atividades geradoras de renda. Confere declaração de participação.

2.5.2 PROGRAMAS SOCIOCULTURAIS

Programas e atividades, com duração variável, destinados ao desenvolvimento de competências relacionadas ao aprimoramento cultural de pessoas ligadas a empresas ou comunidades. São oferecidos como educação continuada ou permanente. Confere declaração de participação.

2.6 FORMAÇÃO INICIAL

Programa com características variadas, destinado a todas as áreas profissionais, com o objetivo de desenvolver competências básicas. Dispensa qualificação profissional completa. A carga horária é dimensionada de acordo com as necessidades do curso. Confere declaração de participação.

2.6.1 PROGRAMAS INSTRUMENTAIS

Cursos e programas que permitam desenvolver competências instrumentais caracterizadas como suportes fundamentais para o exercício profissional ou o

suprimento de carências da educação básica. Confere certificado de conclusão de curso.

2.6.2 CAPACITAÇÃO

Formação que desenvolve as competências necessárias ao exercício de uma profissão e/ou ocupação reconhecida no mercado de trabalho – com exceção do Programa Educação para o Trabalho, que visa desenvolver competências que ampliem as possibilidades de inserção no mercado, de geração de renda e de participação na sociedade. Confere ao participante certificado de capacitação.

2.7 A CONSTRUÇÃO DOS CURRÍCULOS

Os currículos são definidos em Planos de Curso de Educação Profissional e em Projetos Pedagógicos de Cursos e Programas de Educação Superior, atendendo à legislação, diretrizes e regulamentações específicas para cada caso, sejam as nacionais, instituídas pelo Conselho Nacional de Educação e órgãos do Ministério da Educação, sejam as complementares do Conselho Estadual de Educação, quando se tratar de curso técnico de nível médio. A organização curricular é meio para a promoção, com fundamento na ciência e na tecnologia, da constituição e do desenvolvimento de competências profissionais gerais e específicas, bem como para o estímulo à criatividade, transformação e humanização das relações produtivas. Deve ser construída como um percurso formativo, preferencialmente, modular, integrada em itinerários mais amplos e articulada por projetos, próximos de problemas e de situações reais de vida e trabalho. Deve, ainda, estabelecer interrelações entre as diferentes áreas de conhecimento e atividades profissionais. Nesse sentido, a organização curricular é flexível, possibilitando a construção de itinerários formativos, singulares e variados, inclusive viabilizando o aproveitamento efetivo das competências já desenvolvidas na vida escolar ou na prática social e profissional.

Seguindo os escritos de Jacques Delors (1996), a educação é baseada nos quatro pilares fundamentais: “aprender a aprender; aprender a fazer; aprender a conviver; aprender a ser”. O documento diz que as escolas precisam rever práticas para promover novas alternativas e ações que desenvolvam não somente o

conhecimento técnico, mas também reflexões e educação no tocante à vida em sociedade e sejam inseridas em todos os contextos, sejam eles profissionais ou pessoais.

Na construção do currículo, é necessário ir além de preparar para o domínio dos fundamentos tecnológicos e das competências técnicas inerentes às profissões, mas também desenvolver competências que estimulem a gestão, o empreendedorismo, e de competências genéricas que assegurem a compreensão desse fazer. É preciso desenvolver a capacidade de análise para gerir a variabilidade e os imprevistos, bem como para o trabalho em equipe, a autonomia, a crítica, a criatividade, a busca da qualidade, a ética, a consciência ecológica, a preservação da saúde, elementos fundamentais para a sobrevivência em um mundo em constante transformação, para o exercício da cidadania e a responsabilidade social.

Com base nestas informações, o currículo deve ser atualizado continuamente para atender as demandas e tendências do mundo do trabalho, para que a oferta de cursos esteja sempre alinhada com as necessidades contemporâneas.

2.8 METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO SENAC

O Senac trabalha com as práticas pedagógicas inovadoras, que estimulam o aluno a construir o conhecimento e a desenvolver competências. O aluno é convidado a se desenvolver por meio de estratégias participativas, planejadas e vistas no mercado, por meio de estudos de caso, pesquisas, solução de problemas, projetos e outras estratégias, utilizando, sempre que possível, recursos tecnológicos. O desenvolvimento da autonomia dos alunos na aprendizagem, a capacidade crítica, a criatividade e a iniciativa são pontos essenciais no desenvolvimento do trabalho com os educandos.

Dentro desta concepção de aprendizado, todos os ambientes passam a ser considerados potenciais locais de aprendizagem, ou seja, a escola não é mais a única detentora do saber na construção do conhecimento.

O educando que frequenta o Senac precisa compreender que a aprendizagem está além da sala de aula, por isso a escola estimula o trabalho por projetos, estudos do meio e atividades de solução de problemas incentivando o protagonismo do aluno

de forma criativa e transformadora. Cabe ao educador planejar e prover ambientes e situações para que o aluno atue e aprenda como protagonista.

Por estas e outras ações, o professor organiza o trabalho educativo, como mediador e orientador. A abordagem por competências junta-se às exigências do foco no aluno. Conseqüentemente, docentes e alunos são sujeitos da ação de ensinar e aprender. A troca efetivamente acontece.

Na escola professores e alunos são estimulados a unirem-se em prol da construção do aprendizado. A relação é horizontal e construída com respeito, estimulando sempre a ação/reflexão. Por isso, devem desenvolver competências para buscar soluções criativas e inovadoras, atendendo as demandas do mercado de trabalho.

2.9 A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR NO SENAC

Já está evidenciado que a formação de um professor crítico e reflexivo é um processo contínuo e persistente, ou seja, leva tempo.

Para Schön (2000, apud REHEM, 2009, p. 122), a formação profissional cartesiana – em que a teoria é desvinculada da prática, e prática é vista como consequência de uma formação teórica consistente – não possibilita o desenvolvimento de profissionais inovadores, criadores de conhecimento e autônomos, que possam responder adequadamente às diferentes demandas que o cotidiano lhes impõe. Para esse pesquisador, a formação profissional deve ser construída a partir da interação, do diálogo permanente entre teoria e prática, em um ensino reflexivo que repousa no processo de reflexão na ação, que privilegie o aprender a aprender através do fazer refletido, estimulado pela interação professor-aluno, em diferentes e variadas situações práticas.

Fomentar um espaço onde teoria e prática andem juntas, a possibilidade de contribuir para que o professor incorpore práticas que ajudem os alunos a articular teoria e prática e reflexão na ação.

Geralmente, os professores do ensino técnico são selecionados principalmente por seu desempenho técnico, pela formação específica e pela experiência no mercado de trabalho.

A maioria desses professores não apresenta a formação pedagógica, nem mesmo experiência docente, o que leva algumas escolas a desenvolverem programas de formação continuada, promovendo, assim, a formação para a docência.

No Senac, existem alguns programas que buscam contribuir com a formação continuada desses professores, o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE.

O PDE foi criado com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento e aperfeiçoamento das atividades docentes, considerando as competências necessárias para o professor da educação profissional. O PDE é um programa com caráter de formação continuada do núcleo de Educação Corporativa do Senac São Paulo. Ele está voltado aos docentes e demais funcionários que atuam na Instituição e seu objetivo é contribuir para o desenvolvimento do “Jeito Senac de Educar”, atendendo às necessidades de formação educacional dos profissionais que atuam na Instituição, com ênfase na prática pedagógica voltada ao desenvolvimento da aprendizagem com autonomia empreendedora.

O desenvolvimento dos cursos ofertados pelo PDE está relacionado aos valores institucionais da escola que busca “proporcionar o desenvolvimento de pessoas, por meio de ações educacionais que estimulem o exercício da cidadania e a atuação profissional transformadora e empreendedora, de forma a contribuir para o bem-estar da sociedade”. Além disso, a escola fomenta a formação também por outros tipos de programas dentro de sua educação corporativa. No Senac, a aprendizagem é voltada para possibilitar práticas cidadãs e autônomas, sendo o aluno o centro de ação nas aulas, corroborando, assim, para uma mudança no papel tradicional do docente. Seu foco está na mediação da aprendizagem.

Outro programa de formação dos profissionais que atuam na Instituição é a Transparência e Unicidade. Os cursos ficam disponíveis na plataforma educacional Saber Senac, abordam diferentes temáticas, como de Educação, Tecnologia da Informação, Infraestrutura, Planejamento, Finanças, Contabilidade, Legislação, Comunicação e Marketing e tem foco em normas e diretrizes importantes para o desenvolvimento do trabalho na escola.

De forma autônoma, todos os empregados do Senac cadastrados no programa têm a oportunidade de estudar os conteúdos, autoavaliar os conhecimentos e emitir o próprio certificado on-line.

Para concluir, o educador deve ser aquele que estimula e para isso precisa ser capaz de planejar, instrumentalizar, analisar, avaliar e criticar seu trabalho educativo, favorecendo o diálogo construtivo.

O meu argumento é que para ser professor, como para ser médico, não basta conhecer as últimas técnicas e tecnologias. A qualidade do ensino implica também um compromisso ético e moral – o que poderia ser designado por imperativo pedagógico. Os professores que possuem esta integridade sentem que não podem ver um acidente e continuar. Param e ajudam. (SHULMAN, 2003).

2.10 O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Os programas de educação profissional ocorrem no contexto de um mercado de trabalho em rápida transformação e com demandas sociais complexas e por vezes contraditórias.

Considerando as especificidades do processo de ensino-aprendizagem, o primeiro desafio é a constituição do grupo de alunos, porque ao formar os grupos, o perfil, entre outros, é necessário ter atenção ao programa do curso e que ele atenda às necessidades e interesses dos seus frequentadores.

Nesse sentido, a participação dos professores começa no atendimento ao cliente, pois ali, caso o futuro aluno tenha alguma dúvida, é importante que o educador esteja pronto para esclarecer, seja presencialmente, por telefone ou e-mail. Esse movimento contribui para que as expectativas sejam alinhadas e o programa seja desenvolvido de maneira satisfatória.

A composição do grupo de professores deve ser desenvolvida respeitando as características e aptidões necessárias para o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos. O processo de seleção dos docentes deve ser normatizado e realizado mediante um conjunto efetivo e sistematizado de meios. Os profissionais contratados, de competência assegurada, devem ter um período de ao menos 15 dias para ambientação e integração à proposta pedagógica da escola e aos planos de curso e projetos pedagógicos, bem como de acompanhamento contínuo. Deve-se favorecer um ambiente para que esse professor possa sentir-se confiante para esclarecer possíveis dúvidas além de desenvolvimento pedagógico.

Os Planos de Trabalho Docente, elaborados a partir de Plano de Curso e de Projeto Pedagógico, devem ser flexíveis, práticos e integrados entre si, estimulando o processo de construção coletiva do ensino-aprendizagem. É recomendado que sejam valorizadas as necessidades locais, as experiências particulares, os conhecimentos, os procedimentos e que as tecnologias emergentes possam integrar efetivamente o processo de construção do conhecimento, pois irá favorecer um ambiente de maior desenvolvimento e confiança no aprendizado. Para que os objetivos sejam alcançados e todos saiam satisfeitos do curso, os ambientes propícios para a aprendizagem devem ser organizados e planejados para atender aos anseios de todos. Por outro lado, a qualidade é obtida no próprio desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Além da execução do planejado, a equipe profissional precisa estar alinhada e pronta para fazer possíveis adequações no programa para corrigir possíveis rotas. Neste sentido, o planejamento coletivo do trabalho docente é uma boa ferramenta para essa organização.

2.11 PROCESSOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação está presente em processos formativos de aprendizagem com autonomia, pois é o momento em que o professor tem a possibilidade de sistematizar e agir sobre possíveis dificuldades dos educandos, replanejando e corrigindo rotas de aprendizagem.

A avaliação no Senac é qualitativa e diagnóstica. Considera os conhecimentos prévios dos alunos e enfoca o desenvolvimento individual e coletivo. Em um currículo integrado, flexível e pautado em competências, com trabalhos desenvolvidos por meio de projetos, a avaliação e a recuperação são contínuas. Quando se fala em recuperação contínua significa que o professor deve seguir de perto o desenvolvimento do aluno e, ao perceber alguma dificuldade, deve propor alternativas para recuperar conhecimentos do educando, fazendo uso dos indicadores de aprendizagem que compõem os documentos institucionais. Nas turmas em que existe mais de um professor responsável, a verificação dos indicadores deve ser feita em conjunto e o aluno é parte necessária nesse processo para entender como acontece sua avaliação.

O resultado do processo de avaliação será expresso em menções, que estarão relacionadas com o nível de desenvolvimento das competências exigidas pelo perfil profissional de conclusão, sem caráter classificatório dos alunos. Mesmo quando expresso em notas, como no caso dos cursos de Educação Superior, a avaliação mantém seu caráter diagnóstico e orientador do processo educacional.

O Senac também aplica avaliações de reação que servem para verificar o grau de satisfação do egresso dos programas desenvolvidos pela escola com o objetivo de atuar sobre possíveis situações que não colaboraram para a formação do educando. Essa avaliação também é importante para pensar nos cursos que são e poderão ser disponibilizados pela instituição. A avaliação de impacto no mercado investigará as consequências do trabalho do Senac São Paulo sobre o setor de comércio de bens e serviços. A avaliação de impacto social verificará a eficácia das ações relacionadas com a postura de responsabilidade social da instituição. Esses processos complementam a avaliação da aprendizagem e fecham o ciclo de avaliação, permitindo um olhar mais abrangente sobre os resultados da programação. São formas de análise do nível de concretização desta proposta. Fornecem dados para verificar se a visão de ser humano e de mundo do trabalho é posta em prática. São instrumentos fundamentais na constatação da incorporação dos valores e princípios em relação à educação e à educação profissional. Permitirão perscrutar caminhos para a efetivação da missão, da visão de futuro e das macroestratégias institucionais do Senac São Paulo.

Baseado na informação acima, é possível perceber que o Projeto Político Pedagógico do Senac, apresentado neste capítulo, trabalha em constante movimento para contemplar as propostas estabelecidas. A Instituição está sempre “atenta” às demandas do mundo contemporâneo.

3. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE CURSOS TÉCNICOS PARA JOVENS E ADULTOS

Os professores no seu dia a dia tomam decisões que dependem de muitas variáveis, impactando ou não em suas práticas, no contexto do desenvolvimento de suas aulas. Contribuir para uma ação mais sólida é cada vez mais necessário frente às demandas do mundo contemporâneo, pois as exigências estão cada vez maiores e as habilidades do professor diante desses cenários são essenciais para o desenvolvimento dos educandos.

O presente capítulo visa analisar e refletir sobre as considerações das professoras participantes da pesquisa e observar os pontos relevantes para a discussão das necessidades formativas de professores que atuam em cursos de qualificação profissional.

A partir daqui serão abordadas as reflexões desenvolvidas pelo trabalho. Mais do que trazer certezas, o objetivo é promover a discussão de aspectos que estão relacionados à formação docente. Vamos a eles:

3.1 A PERCEPÇÃO SOBRE OS CURSOS

Quando questionadas sobre a percepção que possuem sobre os cursos profissionalizantes, todas compartilham de visões similares que envolvem esses cursos. São cursos para quem busca conhecimento técnico de determinada área do conhecimento e que contribuam para entender as demandas do mundo do trabalho e com rápida inserção no mercado.

Uma oportunidade para adquirir conhecimento técnico de determinada área de atuação e para o desenvolvimento de habilidades, valores e atitudes adequadas e solicitadas pelas empresas no mercado de trabalho. (D1)

Como possibilidades de desenvolvimento, orientação, inserção e abertura de novos horizontes, permitem o autoconhecimento e propiciam maior assertividade nas escolhas profissionais. (D2)

De forma geral, os cursos profissionalizantes são muito parecidos na sua essência do que acontecia há 20 anos - serve para ensinar técnicas e funções específicas para o aluno que já está ou quer ingressar no mercado de trabalho em funções operacionais. Sendo essa uma formação de mão de obra, e na maioria das vezes voltada a pessoas de baixa renda. Muda as terminologias, a tecnologia, mas a essência permanece.

É um recurso muito utilizado como parte de política de inclusão social, tendo em vista programas governamentais (Via rápida, por exemplo) no qual a pessoa desempregada, para receber o seguro desemprego, participa de um

curso de capacitação, como forma de auxiliar a reinserção no mercado de trabalho. (D3)

As considerações das docentes acerca do olhar sobre o ensino profissionalizante estão alinhadas ao que aponta a Lei de Diretrizes e bases (LDB) – “tem a finalidade precípua de preparar para o exercício de profissões”, contribuindo para que o cidadão possa inserir-se e atuar no mundo do trabalho e na vida em sociedade.

Conhecer o segmento a que se propõe esse tipo de formação educacional contribui ou espera-se que o professor tenha clareza das propostas e objetivos que devem ser atingidos no desenvolvimento do aluno.

Com base nas informações levantadas pelas professoras, é perceptível que a educação profissional tem por finalidade capacitar mão de obra específica para o trabalho. Devem ser levadas em consideração o currículo formal para o desenvolvimento das atividades, mas também deve se ter atenção a outros fatores como os sociais.

Cabe considerar que o currículo dos programas é fundamental, mas não deve ficar restrito a um roteiro de aulas, atividades, recursos, pois professores podem trabalhar o mesmo material de formas diferentes. Ele deve ser o guia que pode passar por alterações para que as necessidades formativas e habilidades possam ser desenvolvidas e, principalmente, ao alcance dos alunos que buscam os cursos profissionalizantes e, como consequência, uma colocação no mundo do trabalho.

Trabalhar com a formação para educação profissional impõe ao educador um olhar crítico sobre o aluno que chega, aos seus interesses, expectativas e sobre sua comunidade, pois são alunos de diferentes contextos. Isso impacta nas possíveis articulações do conteúdo em sala de aula.

Para cumprir muitos tipos de responsabilidades, os docentes precisam entender o contexto social das escolas como organizações e como elas refletem e se relacionam com as comunidades nas quais estão inseridas. Ao mesmo tempo, como operam como organizações como normas, expectativas, afim de promover um trabalho relacionado com as demandas do mundo contemporâneo. (DARLING-HAMMOND, 2019, p. 148).

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

As professoras caracterizam os alunos como pessoas com potencial e engajados e buscam a Instituição para ter aulas inovadoras, atividades práticas, são autônomos. Ressaltam quem muitos têm boa formação escolar e considerável repertório cultural, mas também comentam sobre outro tipo de público, que são jovens de baixa renda, muitas com poucas perspectivas profissionais e veem os cursos como possibilidade de mudança desse cenário. Ressaltam também que esses mesmos alunos apresentam déficits na formação educacional básica, mas que, no decorrer dos cursos, percebem sua importância para o desenvolvimento pessoal e como cidadão.

As escolas, atualmente, devem estar preparadas para promover o ensino aos mais diferentes públicos que a frequentam. O professor, além de ter o olhar direcionado ao currículo, precisa perceber que está ensinando aprendizes diversos. Apresentar essa diversidade para a sala de aula tem sido uma importante ferramenta de desenvolvimento dos alunos. Por isso, no momento de planejamento, necessitam articular diferentes formas de desenvolver a aprendizagem.

O aluno Senac busca uma escola diferente, com atividades práticas, metodologia inovadora e certificado reconhecido pelo mercado de trabalho. (D1)

Determinado, autônomo, interessado, de grande potencial e muito engajado. D2

Quando os professores estão preparados para trabalhar com o aluno diverso, conseguem promover uma diminuição de déficit cognitivo dos alunos como mencionado por uma das professoras (D3):

Nos cursos que atuo - são jovens de baixa renda, oriundos na maioria de escola pública, de regiões periféricas, moradores de comunidades, com baixas perspectivas profissionais, que veem no curso uma possibilidade de mudança desse cenário. Mesmo conhecendo pouco o Senac, percebe valor no certificado.

Esse aluno carrega déficits na sua formação escolar, que dificulta o desenvolvimento de competências técnicas. É um aluno que já foi muitas vezes julgado, condenado e deixado à sua própria sorte. Por conta disso, muitos não percebem a escolarização como possibilidade de ascensão social, e sim como ferramenta de profissionalização operacional para entrar no mercado de trabalho na base da pirâmide.

Posso assegurar que a maior parte modifica seu pensamento ao longo da sua permanência no curso - melhora sua percepção de si mesmo como sujeito de mudança, como cidadão. Entende que pode ser agente de mudança. A educação e escolarização ganham novo sentido, enfim, torna-se um indivíduo capaz de pensar e atuar na realidade em que vive, deixa de ser passivo, desenvolve autonomia para atuar de forma ativa como ser humano, cidadão e profissional, com os pés calcados na realidade [...] (D3)

A realidade citada pela docente é comum. Pensando em espaços democráticos, os professores devem buscar diminuir as diferenças de oportunidades entre os alunos, dando maior atenção aos que são desprovidos de um ensino de qualidade e fatores culturais por viver em regiões mais carentes. A escola e a sala de aula, nesse sentido, são espaços que devem estimular essas ações para que o aluno tenha o sentimento de pertencimento e entenda, como cidadão, o que é a democracia.

Fatores que envolvem a sociedade, como falta de atendimento adequado em saúde, acesso a espaços culturais e escolas com poucos recursos, contribuem para uma educação desigual. Quando o educando chega para realizar os cursos profissionalizantes, essas dificuldades ficam mais perceptíveis. Um dos caminhos é o professor entender essas diferentes realidades, do ponto de vista de preparação, com mais repertório cultural e acadêmico para agir sobre essas realidades.

Vale lembrar que o professor é responsável, mas a responsabilidade é também da escola. Ter uma organização escolar que atente para o currículo, entender perfil de turma para designar os professores e o suporte que é dado aos professores são essenciais para a mudança.

A equipe gestora da escola toma diversas decisões que impactam no dia a dia da escola. Os alunos são também impactados por essas decisões no sentido de ajudar a moldar espaços produtivos e de desenvolvimento dos alunos na diversidade já mencionada. Deve-se ter como objetivo agregar a formação desses alunos que procuram a instituição.

É importante também que o docente, como participante ativo da escola, esteja preparado para influenciar a estrutura escolar no sentido de contribuir para a tomada de decisão quanto ao currículo, agrupamentos dos alunos, conhecer sua comunidade. O Projeto Político Pedagógico, neste sentido, é um importante documento que contribui, e muito, para estas ações.

Darling – Hammond (2019, p. 206) afirma que:

Se quisermos criar escolas onde todos os alunos tenham oportunidades de aprender, os professores devem estar alertas para esses tipos de disparidades e conscientes de como fornecer ambientes de sala de aula que sejam física e psicologicamente seguros para qualquer aluno.

A escola precisa considerar as particularidades que envolvem o desenvolvimento do aluno e contribuir para que o espaço educacional seja aquele em

que o educando possa sentir-se confiante para expor suas dificuldades, angústias, alegrias. Ao mesmo tempo, para que desenvolva suas potencialidades de maneira satisfatória, passando pelo olhar atento e consciente do professor.

3.3 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL EM SERVIÇO

Quando abordamos a formação no ambiente de trabalho é importante destacar que autores como Darling – Hammond, Shulman e Vaillant acreditam que aprender sobre a escola e na escola que se está atuando é expressivo, pois as escolas de relevância no futuro serão aquelas que aproveitam o envolvimento, entusiasmo e conhecimentos de todos os seus colaboradores.

A aprendizagem no ambiente de trabalho acontece de diversas formas, e não somente em momentos direcionados. Por isso, é importante que a escola possibilite aos professores que sempre pensem nas suas ações, reflitam sobre práticas, objetivos. Isso acontecerá no momento em que sejam favorecidos momentos de trocas entre professores, coordenadores, alunos etc.

Quando convidadas a refletir sobre os aprendizados, desde que entraram no Senac, todas são unânimes em comentar que a empresa possibilita oportunidades de formação e uma estrutura didático-pedagógica muito boa, mas que, principalmente, incentiva o conhecimento autônomo. Assim, o professor torna-se responsável e engajado pelo seu desenvolvimento, aquele que busca, como podemos verificar nas respostas abaixo:

Metodologias e ferramentas para o autoconhecimento, desenvolvimento pessoal e profissional para atuar como educadora da melhor forma possível.

(D1)

Muito, especialmente que somos responsáveis pelo nosso aprendizado, e que a autonomia nos permite explorar o que há de melhor em nós e fazemos escolhas melhores, estamos constantemente aprendendo a aprender. (D2)

O desenvolvimento de um professor está intimamente relacionado à vontade de melhorar. É o que faz com que o docente aproveite as situações de aprendizagem seja formal ou não. A velocidade com que as informações circulam faz com que o professor precise movimentar-se e ir além das situações previstas nos guias e manuais que norteiam seu trabalho.

A busca da formação/atualização profissional é uma constante, devido as mudanças de técnicas e recursos tecnológicos - o Senac é uma Instituição que oferece excelente infraestrutura e recursos didáticos. Ter flexibilidade e resiliência para as mudanças, que às vezes pode impactar na sua prática, mas que não posso deixar me imobilizar ou usar como desculpa, afetando meu rendimento. (D3)

Muitas vezes, o fato de algo não ser impositivo na formação do professor faz com que ele busque desenvolver-se por perceber que é necessário para o seu fazer. Assim, ressignifica sua existência com alguém que tem consciência de seu papel.

Quando as professoras entrevistadas mencionam que a instituição estimula que elas sejam responsáveis pela sua própria formação, isso não quer dizer que elas devem fazer isso de maneira isolada. A troca com os pares é importante e deve fazer parte do desenvolvimento docente.

A autogestão é uma competência que devemos manter, pois muitas vezes somos colocados em situações que teremos que usar em sala de aula com os alunos e como funcionários.

As ferramentas mudam, os recursos inovam, mas o diferencial é a prática docente para o sucesso/fracasso de um curso.

O Projeto político pedagógico é uma ferramenta viva que permite ao docente auxiliar o aluno (e a ele também), o desenvolvimento de uma consciência crítica para um fazer consciente, e que a gestão também assim o perceba/entenda. Mas pode e deve ser usado na minha prática em sala de aula.

A relação professor-aluno ainda é a ferramenta mais eficaz para o desenvolvimento integral do processo educativo.

Nosso olhar para o fazer pedagógico também muda, algo que era adequado em 2012, não cabe em 2020, e eu tenho que me adequar e rever conceitos e preconceitos constantemente. (D3)

A relação entre professor e aluno é fundamental para a construção da aprendizagem. O professor, ao entender isso, buscará desenvolver seu trabalho pensando neste aluno. Criar um ambiente em que aluno sinta que possa confiar é fator decisivo para o desenvolvimento da aprendizagem. Nas considerações das professoras, é perceptível que elas têm clareza que o aluno é o centro da aprendizagem e como o papel delas também contribui para o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos.

Outro ponto importante é que dentro da sala de aula o professor deve perceber que ele é o responsável e por isso ele deve considerar quais são as melhores estratégias para o desenvolvimento da sala. Seu planejamento também não deve ser engessado. A mudança é bem-vinda para atender as demandas dos alunos.

A docente também destaca um ponto importante sobre a participação ou não da gestão. Quando falamos de entendimento da prática pedagógica e do projeto político pedagógico como ferramenta essencial da ação, a equipe gestora precisa entender quais são estes cenários que o professor vivencia em sala, pois a equipe gestora, dentro do conjunto do que educação demanda, precisa que a comunidade escolar dialogue, interaja e atue em propostas de parceria. O papel da gestão da escola, assim posto, é aprender a praticar os valores humanos que respeitem as diferenças, valorizem o próximo e promovam a cidadania.

3.4 DIFICULDADES E DILEMAS DO COTIDIANO

Sabemos que o contexto escolar é complexo e os professores precisam lidar com muitas variáveis que envolvem demandas dos alunos, domínio de ferramentas tecnológicas, questões administrativas, projetos entre outros.

Ao analisar as informações dadas pelas professoras, a questão do tempo aparece como um dos aspectos importantes porque impacta no planejamento de atividades, conversa com os pares a fim de construir novos conhecimentos que possam vir a contribuir para o desenvolvimento docente.

Organização do tempo para atualização constante dos conhecimentos. Acompanhar a evolução tecnológica e as novas exigências do mercado. Troca de informações e vivência com colegas da mesma área de atuação. (D1)

Relacionados ao fazer docente: falta de tempo para novas capacitações, tempo escasso para planejamento individual e coletivo. (D2)

Por ser uma escola, a quantidade de informações sobre metodologias também gera impactos e dificulta, nas palavras das professoras, o fazer docente. É, pois, perceptível que alguns possuem dificuldades em aplicar em sala de aula sem o devido espaço de construção e andamento das atividades. “As constantes mudanças e adesão do Senac às “novas” metodologias, gerando muitas dúvidas na hora de aplicar no fazer docente”. D3

Quando abordamos as dificuldades e dilemas enfrentados pelos professores, com base nas considerações feitas pelas professoras, a formação continuada tem papel importante. Fica nítida as dificuldades que elas enfrentam em relação às possibilidades de trocas com outros docentes e possíveis dificuldades com os alunos.

É importante que a escola tenha o olhar para promover a formação desses professores ampliando as ações de formação. Essas ações não devem limitar-se ao domínio de recursos, mas também ao modo de inclusão dessas demandas na prática.

Sabe-se que a ressignificação das concepções de práticas pedagógicas é importante, mas é preciso traçar estratégias de como isso será feito no cotidiano escolar. É necessário alinhar essas práticas e perceber se elas fazem sentido e podem ser aplicadas com os alunos que a escola possui ou se é necessário fazer um trabalho anterior a essas novas demandas para avançar: “Lidar com uma instituição que devido à sua constituição jurídica tem alto índice de processos burocráticos dificulta a atuação docente”. (D3).

O Senac sempre trabalhou com muitos documentos administrativos, seguindo as diretrizes necessárias. Isso envolve, e muito, os afazeres docentes, pois do ponto de vista das professoras, isso ocupa muito o tempo que poderia ser direcionado para outros fatores que incidem na prática pedagógica. Elas não apontam isso como algo desnecessário, mas que poderia ser direcionado de outras maneiras e em outros momentos.

A relação no momento de fechar contratos de prestação de serviço (com outras instituições), precisam estar alinhadas com a proposta pedagógica do Senac e suas marcas formativas, para que a prática pedagógica em sala de aula no atendimento corporativo seja efetivada de forma a atender as expectativas de ambos.

As mudanças e adesão do Senac a ‘novas’ metodologias, gerando muitas dúvidas na hora de aplicar no fazer docente. O Senac é uma escola que acompanha o surgimento dessas novas metodologias para criar projetos próprios gerando assim, a necessidade de momentos para que os professores possam trocar informações sobre as novas demandas e necessidades para apropriação das informações. (D3)

O Senac atua com atendimento corporativo, ou seja, institutos e empresas contratam os serviços que o Senac oferece. Esses serviços são prestados aos mais diversos tipos de públicos. Porém, no momento em que esses contratos são negociados, a proposta pedagógica (jeito Senac de educar), segundo a docente, deve ser mais desenvolvida ao cliente. Precisa ser mais argumentada e validada ao negociar com os parceiros. Assim, os diferentes olhares que o Senac possui para a formação educacional não devem ser desconsiderados ou subentendidos, do ponto de vista da prática pedagógica flexível que o Senac valoriza. A sequência de um trabalho é primordial para que os profissionais docentes consigam desempenhar seu papel e sejam confiantes com relação aos projetos desenvolvidos pela escola.

A Instituição é muito dedicada a trazer novas concepções pedagógicas, possibilidades, tecnologias entre outros. Do ponto de vista das docentes, algumas dessas ações acabam se perdendo, não porque as pessoas deixam de ficar envolvidas, mas sim por questões do dia a dia que acabam por fazer com que esses projetos não sejam aprofundados, retomados e discutidos nos momentos de parada pedagógica. As docentes reforçam que as ações são válidas, mas precisam de continuidade. E talvez por ter tão presente as questões administrativas que ocupam o tempo, não consigam dar prosseguimento às ações mencionadas como exemplificado acima pela professora.

No que tange ao aluno, hoje ele tem o acesso à informação de forma rápida, na palma da mão. O seu conhecimento se forma cada vez mais por influência da mídia (televisão, Internet, redes sociais, streamings, etc.) e vai estabelecendo suas relações na sociedade, com família, os grupos de amigos, escola, influenciados com o que acessam de informação nesse meio rápido, descartável e questionável de formação de opinião. Nota-se uma mudança de valores e significações, o saber não é aprofundado, alunos se informam por meio de um 'post' em rede social, isso ainda me deixa perplexa. Pois, ao mesmo tempo, não se pode negar nem anular esse novo modelo de consumo de informação. A dificuldade é como, como redimensionar e ressignificar a postura do aluno perante esse cenário e torná-lo um sujeito crítico, fazendo-o perceber o lado positivo dessa facilidade de acesso ao conhecimento, para que use de forma produtiva e crítica, contribuindo para um novo jeito de ser e estar na sociedade. Deixar de ser um mero consumidor, mas um produtor de conhecimento nessa sociedade global. Somando tudo isso, uma sociedade desigual, também representada dentro do Senac, nos diversos cursos e tipos de alunos que por lá circulam. De um lado temos jovens que convivem com o desemprego, a violência e a falta de perspectivas. Por outros, alunos que vivem o oposto - boa formação escolar, moradia e emprego confortáveis. Tal situação nos pressiona na busca de respostas, o que ultrapassa nossas possibilidades de formação, afetando a motivação e desempenho diante de tanta desigualdade. (D3)

A velocidade com que as informações chegam e também como tudo acontece no mundo contemporâneo desafiam o professor a cada vez mais ter respostas e contribuir para que o aluno saiba selecionar e construir seu conhecimento. Hoje, um dos maiores desafios do professor é fazer com que o aluno busque a criticidade da informação e reconheça no professor um mediador desse processo. Porém não é uma tarefa fácil para o professor, principalmente quando ele não tem uma rede de apoio constante e fortalecida para pensar em estratégias e recursos para ajudar esse aluno. Mesmo o professor não sendo responsável por tudo o que o aluno vivencia e aprende ele pode ajudar no processo de construção do olhar crítico do aluno.

3.5 CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Para atuar no contexto da educação profissional e frente a todas as questões que impactam no desenvolvimento do trabalho, as docentes consideram que é preciso estar atento às novidades que surgem no segmento da educação e do mundo. Destacam também o olhar para os fatores que impactam diretamente na atuação referentes à gestão da sala de aula, momentos de planejamento, e uso das tecnologias.

Começo com a gestão da sala de aula que, de longe, não se trata somente de organizar a sala em fileiras e premiar o aluno que teve um desempenho “adequado”, mas que é um espaço de construção de estabelecimento de relações e, principalmente, um espaço onde o aluno possa se desenvolver de maneira produtiva, considerando o currículo e a relação com o mundo.

A gestão da sala de aula diz respeito às ações que são definidas/tomadas para criar e manter um ambiente de aprendizagem que dê a possibilidade de se efetivar o ensino.

Com o intuito de desenvolver esse ambiente favorável ao ensino, o professor deve ter um repertório de conhecimentos e habilidades que possibilitem, de maneira estruturada e efetiva, o desenvolvimento da aprendizagem. A sala de aula, atualmente, tem o papel de desenvolver trabalhos construtivos e não mais mecânicos.

A construção desse olhar sobre a sala de aula contribui para que conflitos que possivelmente venham a acontecer possam ser reparados de maneira respeitosa como deve ser este espaço. “Estudar sempre as novidades técnicas no conteúdo a ser ministrado e também como melhorar a comunicação para propiciar na sala de aula um ambiente de empatia e comunicação não violenta”. (D1).

A Instituição desenvolve encontros com os professores, porém, no olhar desses docentes, os encontros poderiam possibilitar maiores trocas entre eles e serem menos burocráticos, no sentido de tratar problemas reais da sala de aula. “Saber administrar melhor o tempo, trocar mais e compartilhar, cobrar da coordenação mais momentos para esses planejamentos e trocas”. (D2).

O professor trabalha com muitos alunos ao mesmo tempo, com objetivos diferentes e características sociais complexas e contribui com maiores momentos de troca entre os pares. Esses momentos são necessários para o desenvolvimento dos professores e também de ações que favoreçam o ambiente de ensino aprendizagem, como estratégias para a gestão da sala de aula, mesmo existindo uma rotina já estabelecida.

Para lidar com esse cenário com tantas peculiaridades precisa permitir ao professor uma formação mais crítica, mais prática, com mais possibilidades de leitura desses cenários. Olhar para o agora e propor atuar nesse agora. Mas ainda gastamos muito tempo em aspectos burocráticos. Ao professor também cabe dominar essas ferramentas, mudar de analógico para digital - porque esse é um caminho sem volta para construir canais de informação e conhecimento em uma relação horizontal com seus alunos. Professor precisa sair do pedestal de detentor do conhecimento. Como diria Paulo Freire, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo - precisamos olhar para o mundo no qual estamos hoje. Não podemos ficar demonizando a internet e suas possibilidades, precisamos trazer para o lado positivo - no qual muitas barreiras já foram quebradas. (D3)

As docentes consideram que conhecer as teorias pedagógicas é imprescindível para desenvolver o trabalho e compreender como se dá esse processo nos documentos institucionais. Além disso, ter experiência e conhecimento técnico dos conteúdos faz toda diferença.

Fundamental ter experiência profissional na área em que está ministrando o curso a fim de desenvolver corretamente a parte técnica e ter habilidades cognitivas para educar os alunos, propiciando o desenvolvimento de atitudes, saberes e conhecimentos que formem um ser humano melhor. (D1)
Experiência prática, domínio dos conteúdos, novas metodologias que prendam a atenção dos jovens, conhecimento do público e sua realidade.
Conhecer métodos pedagógicos para ter segurança para mediar uma sala de aula cheia de alunos, cada um com sua personalidade, peculiaridades e necessidades distintas. (D2)

Neste sentido, apresentar aos professores estratégias que podem ser utilizadas sem relação com a realidade vivenciada na escola, geralmente não trazem profundas reflexões. É preciso aproximar as estratégias do que é vivenciado nas salas de aula ou promover suporte adicional para que ele consiga aprender com êxito.

Quando as entrevistadas falam da importância da experiência, de maneira geral, para lidar com o público sob sua responsabilidade, considera-se que o professor experiente pode realizar diversas atividades, gerenciar a sala de aula e fazer toda a mediação da aprendizagem. Mas ser experiente não quer dizer que o docente não

precise aprender, pois o professor engajado entende que a aprendizagem da docência acontecerá durante toda vida. Sabe também que a inovação é necessária e influencia os outros aspectos que promovem o processo de repensar ideias-chave, práticas, a fim de mudar rumos e estratégias.

Conhecer o mundo, a sociedade na qual os alunos desses cursos estão inseridos - sair da sua bolha e ampliar o olhar para o outro dentro de um contexto macro. É o que Mario Sergio Cortela define como Humildade pedagógica - é a capacidade de aprender com pessoas de diferentes faixas etárias, experiências profissionais, culturas, gostos e hábitos. Só assim poderá ter uma prática menos contaminada com julgamento e ideias pré-concebidas a partir de um olhar reducionista. (D3)

Seguindo esta reflexão da docente, “desaprender” é movimento, e isso causa certo incômodo e pode ser doloroso, pois o docente irá colocar-se à prova e isso pode gerar resultados menos eficientes, num primeiro momento, porque o professor está “abandonando” rotinas já consolidadas. Por isso é importante que os pares estejam juntos nesse processo para fortalecer novas práticas e o professor compreenda que será um aprendiz por toda a vida.

[...] não dominar apenas sua área de formação, ter domínio das ferramentas e tecnologias - ser um eterno aprendiz, um curioso, buscando acompanhar as mudanças que ocorrem cada vez mais rápido.
Algo muito importante, talvez o X da questão: o professor deve se ocupar (e gostar disso) com a geração que está formando, já que suas ações têm efeito em toda a vida desses jovens. (D3)

O mundo exige que se tenha conhecimentos mais amplos. O professor não pode, sabendo da diversidade pela qual é cercado, limitar-se a ter somente o domínio dos conteúdos sob sua responsabilidade. É preciso ter um olhar plural e alinhar as demandas atuais com os conteúdos que está ensinando, principalmente em se tratando do ensino profissionalizante, pois, do contrário, não estará preparado para possíveis problemas que emergirão e não conseguirá atender as necessidades dos alunos, gerando incômodo e frustração no desempenho profissional.

Uma dessas necessidades é o uso das ferramentas tecnológicas, que são recursos importantes no desenvolvimento das aulas e para a aprendizagem dos alunos. Uma das formas de dominar essas tecnologias é perguntar, trocar com os outros docentes, sentir-se confiante em convidar o outro a participar do seu planejamento e aprender juntos. A tecnologia não deve ser menosprezada e discursos

que comumente vemos de alguns docentes de que a tecnologia só atrapalha ou é inimiga do professor devem ser revistos. Ela pode ser uma grande aliada, principalmente quando o professor tem clareza e conhecimento pedagógico para utilizá-la.

3.6 NECESSIDADES FORMATIVAS

As necessidades formativas fazem parte do contexto escolar e estão relacionadas a desejos, carências e deficiências percebidas pelos docentes ou pela escola no desenvolvimento de suas atribuições. Normalmente, estas percepções no ambiente de trabalho ocorrem de forma individual e coletiva, como por exemplo, o uso de tecnologias que vem movimentando a educação e, muitas vezes, são forjadas sem a devida preparação.

Para as participantes da entrevista existem algumas demandas que elas consideram importantes para o desenvolvimento da docência.

Além do conhecimento técnico relacionado aos cursos, workshops que desenvolvam nos docentes o trabalho em equipe, empatia, comunicação assertiva, como lidar com conflitos, administração do tempo, práticas restaurativas, metodologias inovadoras na sala de aula e atualização tecnológica. (D1)

Todos devemos nos capacitar e reciclar, formação é sempre essencial, é preciso estar constantemente se atualizando e se preparando. Hoje mais do que nunca necessitamos uma formação que ajude a lidar com a fragilidade do outro, com uma comunicação mais assertiva (cursos com essas temáticas são fundamentais para um melhor convívio). (D2)

Formação técnica - tecnologia e seu uso na educação; Inclusão e diversidade na prática - como lidar; Formação pessoal - autoconfiança para lidar com alunos, pares e gestores, capacidade para gerenciar problemas/conflitos. (D3)

Estar atento às necessidades formativas dos professores faz com que a escola valorize o profissional e forneça meios para que ele alcance o desenvolvimento necessário. A instituição estudada já possui o PDE bem como a plataforma Saber Senac, que atendem algumas demandas de formação citadas pelas docentes, mas por atender a rede de escolas, prioriza demandas mais gerais. No caso da unidade escolar que foi objeto da pesquisa, talvez seja necessária uma atuação mais pontual para que atenda as demandas e necessidades formativas dos docentes.

3.7 AS COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM COMO PROPOSTA DE CONTRIBUIÇÃO

Comunidade é um modelo social de pequena escala em que pessoas mantêm um relacionamento com base na construção de referências e significados comuns.

A comunidade manifesta-se no tempo e no espaço através dos encontros entre participantes em eventos e atividades relacionadas aos campos de fazer ou áreas de conhecimento. Os participantes de uma comunidade podem assumir diferentes papéis, construídos pela participação, influência e reputação em diferentes níveis. Na comunidade, as experiências de aprendizagem são propostas em torno da execução de obras, num processo consequente do qual emergem os fazeres, saberes e significados próprios da prática de uma ou mais comunidades. Para participar de experiências de aprendizagem em comunidades é necessário adquirir unidades de tempo, como elemento transacional, que garante acesso à gama de serviços educacionais que sustentam os processos de ensino e aprendizagem.

Uma alternativa para fomentar e agregar a formação de professores são as comunidades de aprendizagem – Cochram – Smith; Lytle, Darling Hammond, Marcelo Garcia, Mizukami, Vaillant destacam em seus estudos que a criação e o fortalecimento dessas comunidades pode ser de grande valia para o desenvolvimento dos professores.

As comunidades de aprendizagem são espaços constituídos para que formadores e professores possam desenvolver-se por meio de problemas reais e, principalmente, locais vivenciados em sala de aula. É também possível discutir temas pertinentes ao fazer pedagógico, estratégias de ação em sala com o olhar para estimular a participação e aproximação das pessoas que fazem a escola, o que demonstra serem, muitas vezes, necessários como relatado na entrevista pelas professoras.

Para Mizukami (2006, p. 7), os professores estão se tornando o ponto central de atenção das escolas e, conseqüentemente, as demandas de novos aprendizados surgem fazendo com que as pessoas que trabalham com a formação dos professores assumam outras responsabilidades relacionadas às demandas de desenvolvimento dos professores e precisam estar preparadas ou disponíveis para entender esses cenários que fazem parte do desenvolvimento docente.

Ao realizar a pesquisa, buscou-se identificar algumas dessas necessidades de modo a apontar e contribuir para o desenvolvimento de ações. Ao mesmo tempo, para facilitar e subsidiar possíveis ações para o progresso dos docentes, considerando sempre o projeto pedagógico, os alunos, os docentes e a comunidade que fazem parte da escola. Cabe ressaltar que a escola fomenta a criação de comunidades de aprendizagem em sua prática.

Neste sentido, Mizukami (2006, p. 12) cita em seu artigo sobre a formação de formadores que:

Para Grossman, Wineburg e Woolworth (2001), esses espaços se constituem por cinco temas comuns, interdependência, interação / participação, interesses partilhados, preocupação em relação às visões dos indivíduos e das minorias e relacionamentos significativos entre os participantes.

Trabalhar com comunidades de aprendizagem não é uma tarefa fácil, pois requer mudanças e a organização da escola para que esses espaços possam ser criados. É necessário que sejam espaços de qualidade possibilitando a troca realmente significativa que os momentos de encontro devem ser. Mas a partir do momento em que a escola se dedica a desenvolver esse trabalho os resultados poderão contribuir muito para o desenvolvimento docente e dos alunos.

Essas comunidades não são facilmente ou rapidamente formadas, exigindo tempo para que as pessoas construam, juntas, uma história de forma a se constituir, de fato, uma 'comunidade de memória' na qual a discussão pública se dê pelos seus membros ao recontarem as 'narrativas constitutivas' do grupo. (MIZUKAMI, 2006 p. 13).

Ainda segundo Mizukami (2006, p. 13),

Dois focos básicos devem ser considerados em uma comunidade de professores: a melhoria da prática profissional e a crença de que os professores são estudantes de suas áreas ao longo de sua vida. Como tais, devem crescer em conhecimentos, amplitude e compreensão, assim como acompanhar o processo de produção de conhecimento nas suas áreas de conhecimento específico.

Criar esses espaços de aprendizagem na escola é importante até mesmo para valorizar o processo de mentoria, pois sempre temos professores que sabem o que outros não sabem. Possibilitar essa troca estimula o professor a desenvolver a confiança e saber que pode contar com seu par. E isso faz com que o conhecimento deixe de ser individualizado e se torne coletivo.

Como Cochran-Smith e Lytle (1999, p. 293, apud DARLING-HAMMOND, 2019, p. 327) explicam:

[...] ao trabalharem juntos em comunidades, tanto professores menos experientes quanto os mais experientes apresentam problemas, identificam discrepâncias entre teoria e prática, desafiam rotinas comuns, recorrem ao trabalho de outros para estruturas geradoras e tentam tornar evidente muito daquilo que é dado como certo sobre ensino e aprendizagem.

A investigação dentro do processo de construção desta comunidade é essencial, pois ao observar os alunos, refletir sobre suas necessidades, avaliar opções dentro do currículo, o professor perceberá quais são as necessidades e as levará para a comunidade para construção com os seus pares.

Pensando em como incentivar a criação de comunidades de aprendizagem na unidade escolar, objeto desta pesquisa, para contribuir com os pontos relatados pelas docentes, é importante destacar que as docentes comentam que falta tempo na rotina para conversar e trocar experiências e até mesmo para se aproximar dos colegas. A escola disponibiliza momentos entre equipes e também encontros gerais, mas que por vezes acabam sendo utilizados mais para o tratamento de questões documentais. É, portanto, necessário pensar em outros momentos para favorecer essas formações mais direcionadas ao desenvolvimento pedagógico. A tecnologia pode ser uma grande aliada para facilitar as trocas, além dos encontros presenciais.

É sabido que a evolução da tecnologia parece ser definitiva na educação. Como mencionado por uma das professoras, precisamos atentar-nos aos benefícios que isso pode proporcionar.

A tecnologia favorece interações e intercâmbio de informações quando falamos de comunidades de aprendizagem. Porém ainda temos uma desconfiança dos docentes, talvez pelas possíveis dificuldades de introduzir essas ferramentas em seu cotidiano.

Os conhecimentos em tecnologias da informação e comunicação trazem uma variedade de recursos que podem ser utilizados no desenvolvimento docente, pois como vemos, é possível trabalhar com gráficos, vídeos, animações podcasts entre outros.

A formação em tecnologias da informação e comunicação também favorece a integração dos professores. É também uma das premissas das comunidades de

aprendizagem, que otimiza a organização do tempo, pois as vezes os professores não estão na escola ao mesmo tempo.

O uso da tecnologia permite configurar diferentes cenários formativos que combinados podem proporcionar uma aprendizagem mais significativa. Portanto apresenta múltiplas vantagens: acesso inteligente à informação, personalização do aprendizado, acesso sem fronteiras à formação, atualização dos conteúdos [...] (VAILLANT, 2012 p. 204).

Compreendo a tecnologia como mais uma possibilidade de fomento ao espaço de comunidades de aprendizagem, mas o encontro presencial é importante para o sentimento de pertencimento ao grupo. Aproveitar a estrutura e as muitas ferramentas que a escola possui é fundamental para consolidar a prática pedagógica e todos os enfrentamentos/dificuldades que surgem na formação continuada docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer as trajetórias pessoais e profissionais dos professores contribuiu para a construção do entendimento de como esses profissionais compreendem a educação e a forma também como desempenham seu trabalho em sala. Contribuiu também para ampliar olhares, no que diz respeito a singularidades que compõem suas práticas, e formas de enxergar o desenvolvimento do aluno.

Ao refletir sobre as considerações, as professoras destacam que a escola investe no que há de melhor quando se trata de propostas e atualizações necessárias. Porém é recomendado que essas ações continuem sendo acompanhadas, pois na visão de uma delas, algumas ideias perdem-se dentro da rotina da escola.

As professoras identificam suas responsabilidades quando se trata da formação, principalmente com relação à autonomia que devem ter como profissionais para buscar o crescimento ou ressignificar aprendizados. Mas toda essa autonomia, de acordo com o que foi observado, faz com que o trabalho aconteça de certa forma isolado, pois fica claro que todas elas sentem falta da troca com outros pares. Neste sentido, um ponto importante que a escola deve observar é a intensificação do favorecimento de espaços de práticas compartilhadas mais específicas para a demanda da escola.

Os conhecimentos técnicos são colocados como essenciais para atuar nos cursos de qualificação profissional, mas elas ressaltam que, antes de mais nada, é necessário compreender que estão lidando com seres humanos e precisam ter atenção a outros aspectos como a comunicação não violenta seja entre os alunos quanto ao lidar com os próprios. Quando se cria um ambiente em que todos sentem-se respeitados, as possibilidades de realização pessoal e profissional são maiores em função da relação de respeito construída. Conseqüentemente, os indicadores e competências poderão ser contemplados. Não existe maior satisfação para o professor do que perceber que os aprendizados foram alcançados.

Ao abordar as questões formativas para o desenvolvimento docente, praticando-as em sala de aula, as professoras expõem que se faz necessário investir em conhecimentos que contribuam para o trabalho com a diversidade. Os alunos que ficam sob sua responsabilidade são jovens de diferentes regiões, culturas e com

formações variadas e isso inclui também o uso de ferramentas tecnológicas que possam propiciar e contribuir para o desenvolvimento desses alunos.

A escola tem o que há de melhor quando falamos de tecnologia da informação e comunicação. Ao mesmo tempo, é perceptível que, para a equipe docente, o aprendizado destas tecnologias ainda gera inseguranças, o que pode ser considerado normal. As inovações estão chegando de maneira muito rápida e impactam no cotidiano. Contudo a escola pode organizar oportunidades para o desenvolvimento de conhecimentos sobre o assunto e suas aplicações alinhadas ao currículo.

Outro ponto importante nesta construção é a exigência de um maior alinhamento da equipe gestora no desenvolvimento do planejamento e acompanhamento da prática. A escola já o faz, mas na visão das professoras, o trabalho precisa ser mais individualizado para favorecer trocas e ressignificação das práticas. A escola é feita por todos e, neste sentido, o alinhamento de propostas e concepções de ensino-aprendizagem é necessário para que o ambiente seja de confiança.

Neste sentido, Nóvoa, (1992, p. 19) afirma que:

O território da formação é habitado por atores individuais e coletivos, constituindo uma construção humana e social, na qual os diferentes intervenientes possuem margens de autonomia na condução dos seus projetos próprios. A formação contínua é uma oportunidade histórica para que se instaurem dispositivos de parceria entre os diversos atores sociais, profissionais e institucionais. Mas é preciso recusar uma parceria 'negativa', baseado na anulação das competências dos diversos atores, e inventar uma parceria positiva", construído a partir de um investimento positivo de todos os poderes.

A escola é muito receptiva a novas ideias, inclusive incentiva a participação dos profissionais na construção de novas ideias e olhares. Mas para que o professor possa contribuir precisa desenvolver o sentimento de pertencimento e um trabalho voltado para a formação de comunidades de aprendizagem local, e não em rede. Assim, poderá favorecer a construção de um cenário de respeito, confiança, aprendizado e, principalmente, parceria, pois não há sentimento melhor do que ser parte e ser respeitado em sua individualidade. Deverá também, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento do aluno. O aspecto humano é essencial para quem faz educação.

Diante das considerações das professoras, tem-se a percepção da necessidade de fortalecer vínculos profissionais para que sejam consolidados espaços de trocas. Desse modo, será possível expor suas dificuldades, trocar aprendizados e compreender como lidar com as demandas burocráticas da escola que influenciam diretamente no desenvolvimento docente e também dos educandos.

Mais do que apontar situações, quando me propus a realizar o trabalho, o objetivo principal era aprender sempre, como coordenador e professor, e colaborar para o fortalecimento e desenvolvimento da profissão docente.

As informações dadas pelos professores aos questionamentos propostos neste trabalho, constituem-se subsídios importantes para possíveis ações na escola. Busca-se, com isso, contribuir para o fortalecimento de vínculos e à construção de roteiros formativos tendo como ponto de investigação as questões que fazem parte do dia a dia para o contínuo desenvolvimento dos docentes.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marly (org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 12ª ed. - Campinas: Papyrus, 2012.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto. *Metodologia Científica*. 6ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DARLING – HAMMOND, Linda. *Preparando os professores para um mundo em transformação: o que devem aprender e estar aptos a fazer*; Porto Alegre: Penso, 2019.

GARCIA, Carlos Marcelo. *Formação de professores - para uma mudança educativa*. Porto. Porto Editora, 1999.

GOMES, Heloisa Maria; MARINS, Hiloko Ogihara. *A ação docente na educação profissional*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L.S. Shulman*. Revista do Centro de Educação da UFSM. v. 29, n.02, 2004.

_____. et al. *Escola e Aprendizagem da Docência: processos de investigação e formação*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

_____. Maria da Graça Nicoletti. *Aprendizagem da docência: professores formadores*. *Revista E-Curriculum*, São Paulo, v. 1, n. 1, dez. - jul. 2005-2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum> Acesso em: 21 dez. 2019.

NONO, Maévi Anabel. *Professores Iniciantes: o papel da escola em sua formação*; Porto Alegre: Mediação, 2011.

PAQUAY, Léopold et.al (org.). *Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

QUELUZ, Ana Gracinda; ALONSO, Myrtes. *O trabalho docente: teoria e prática*. São Paulo: Pioneira, 2003.

REHEM, Cleonice Matos. *Perfil do Professor de educação profissional técnica*. São Paulo: Editora Senac, 2009.

SENAC SP. *Proposta Pedagógica*. Disponível em: <http://www.sp.senac.br/pdf/29550.pdf> Acesso em: 02 nov. 2019.

_____. *Conheça o Senac*: <http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a724.htm&testeira=457>. Acesso em: 02 nov. 2019.

_____. *Perfil Institucional*. Disponível em: <http://www.sp.senac.br/pdf/40921.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2019.

_____. *Plano de desenvolvimento Institucional 2018 – 2022* - Centro Universitário Senac Amaro. Centro Universitário Senac – São Paulo: Senac 2017.

SHULMAN, Lee S.; SHULMAN, Judith H. Como e o que os professores aprendem: uma perspectiva em transformação. *Cadernos Cenpec*, São Paulo, vol.6, nº1, p. 120-142, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/issue/view/20> Acesso em: 07 mar. 2020.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

VAILLANT, Denise. *Ensinando a ensinar: as quatro etapas de uma aprendizagem* – 1ª ed. Curitiba, PR: UTFPR, 2012.

VEIGA, Ilma Passos A.; D'ávila (orgs.). *Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas*. - 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

ANEXO**DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE CURSOS
PROFISSIONALIZANTES PARA JOVENS E ADULTOS****Questionário**

1. Dados pessoais. Unidade; Sexo; Idade; Grau de instrução? Qual curso/ área? Tempo de atuação como docente na Educação Profissionalizante.
2. Narrar sobre a trajetória escolar e a trajetória de formação profissional.
3. Experiência profissional após conclusão do curso superior.
4. Como você vê os cursos profissionalizantes?
5. O que você tem aprendido desde que ingressou no Senac?
6. Como você caracteriza o aluno que procura os cursos?
7. Quais dificuldades, dilemas enfrentam? (citar exemplos)
8. O que você indica como sendo necessário aprender para trabalhar nesse contexto específico?
9. O que um professor de cursos profissionalizantes precisa conhecer para atuar com segurança nesses cursos?
10. Quais necessidades formativas identificam?

RESPOSTAS – D1

1. Fem, 40, pós-graduação lato sensu, criação publicitária, informática e design. 15 anos.
2. Estudo em pequenas escolas do bairro, início da graduação logo após o término do ensino médio e especialização após 7 anos atuando no mercado.
3. Atuação na área de graduação (agências de design) e também na área da educação como docente em cursos livres e técnicos.
4. Uma oportunidade para adquirir conhecimento técnico de determinada área de atuação e para o desenvolvimento de habilidades, valores e atitudes adequadas e solicitadas pelas empresas no mercado de trabalho.
5. Muito, especialmente que somos responsáveis pelo nosso aprendizado, e que a autonomia nos permite explorar o que há de melhor em nós e fazermos escolhas melhores, estamos constantemente aprendendo a aprender.
6. Aluno que busca uma escola diferente, com atividades práticas, metodologia inovadora e certificado reconhecido pelo mercado de trabalho.
7. Organização do tempo para atualização constante dos conhecimentos. Acompanhar a evolução tecnológica e as novas exigências do mercado. Troca de informações e vivência com colegas da mesma área de atuação.
8. Estudar sempre as novidades técnicas no conteúdo a ser ministrado e também como melhorar a comunicação para propiciar na sala de aula um ambiente de empatia e comunicação não violenta.
9. Fundamental ter experiência profissional na área em que está ministrando o curso a fim de desenvolver corretamente a parte técnica e ter habilidades cognitivas para educar os alunos, propiciando o desenvolvimento de atitudes, saberes e conhecimentos que formem um ser humano melhor.
10. Além do conhecimento técnico relacionado aos cursos, workshops que desenvolvam nos docentes o trabalho em equipe, empatia, comunicação assertiva, como lidar com conflitos, administração do tempo, práticas restaurativas, metodologias inovadoras na sala de aula e atualização tecnológica.

RESPOSTAS – D2

1. Docente Unidade FCO, sexo feminino, 51 anos, formação superior Licenciatura Plena Letras e outros cursos relacionados à área. Atuo na educação profissional (Aprendizagem e em projetos sociais). Atuo há 09 anos na educação profissionalizante.

2. Cursei magistério, sempre sonhei ser educadora, e desde menina buscando cursos que me levassem à docência, participei de muitos cursos no CIEE, cursos e oficinas de literatura e escrita. Optei pelo curso de letras e me apaixonei pela possibilidade de desenvolver um trabalho voluntário de alfabetização para jovens e adultos e tive a possibilidade de me capacitar na PUC para esse projeto, posteriormente optei por um outro curso de linguística, o qual me propiciou novos aprendizados. Sempre sonhei em trabalhar em projetos sociais e ajudar as pessoas a ampliar seu repertório cultural e, conseqüentemente, profissional.

3. Ingressei no Estado, lecionei para o ensino médio (disciplinas de português e inglês) por 15 anos.

4. Como possibilidades de desenvolvimento, orientação, inserção e abertura de novos horizontes, permitem o autoconhecimento e propiciam maior assertividade nas escolhas profissionais.

5. Muito, especialmente que somos responsáveis pelo nosso aprendizado, e que a autonomia nos permite explorar o que há de melhor em nós e fazermos escolhas melhores, estamos constantemente aprendendo a aprender.

6. Determinado, autônomo, interessado, de grande potencial e muito engajado.

7. Relacionados ao fazer docente: falta de tempo para novas capacitações, tempo escasso para planejamento individual e coletivo.

8. Saber administrar melhor o tempo, trocar mais e compartilhar, cobrar da coordenação mais momentos para esses planejamentos e trocas.

9. Experiência prática, domínio dos conteúdos, novas metodologias que prendam a atenção dos jovens, conhecimento do público e sua realidade.

10. Todos devemos nos capacitar e reciclar, formação é sempre essencial, é preciso estar constantemente se atualizando e se preparando. Hoje, mais do que nunca, necessitamos de uma formação que ajude a lidar com a fragilidade do outro

com uma comunicação mais assertiva (cursos com essas temáticas são fundamentais para um melhor convívio).

RESPOSTAS – D3

1. Sexo: F; Idade: 49 anos; Grau de instrução: pós graduação; Formação: Psicologia - especialização em psicologia escolar e dinâmicas dos grupos; Tempo de atuação: 18 anos.

2. 1998 - graduação em Psicologia - licenciatura e bacharelado; 2000 - Cursos de aperfeiçoamento na área de atendimento psicológico em grupo, desenvolvimento social, formação de professores e prevenção à violência doméstica e psicologia comunitária - PUC, SEDES, UNICEF; 2005 - Curso de especialização em psicologia e educação no IP-USP 2008 - Formação em Coaching - Instituto Integrado de Coaching – ICI; 2009 - Curso de especialização em dinâmicas dos grupos - Sociedade Brasileira de Dinâmica dos Grupos - SBDG.

3. 96/98 - estágios em ONGs - formação profissional de jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica; 1999-2006 - Atuação em ONGs como psicóloga e educadora social - em cursos de formação profissional e desenvolvimento local; 2005-2010 - Atuando como psicóloga em T&D - Coach - prestação de serviço ao Senac em curso de formação profissional de jovens e adultos em situação de situação de vulnerabilidade socioeconômica. Prestação de serviço ao SEBRAE - em cursos de empreendedorismo, cooperativismo e desenvolvimento local; 2012 até o momento - Atuando como docente efetiva (CLT) do Senac - na área de Tecnologias Sociais como docente nos cursos de formação profissional e aprendizagem.

4. De forma geral, os cursos profissionalizantes são muito parecidos na sua essência do que acontecia há 20 anos atrás - serve para ensinar técnicas e funções específicas para o aluno que já está ou quer ingressar no mercado de trabalho em funções operacionais. Sendo essa uma formação de mão de obra, e na maioria das vezes voltada a pessoas de baixa renda. Muda as terminologias, a tecnologia, mas a essência permanece.

5. O aprendizado é constante e diverso. Lidar com uma instituição que devido a sua constituição jurídica tem alto índice de processos burocráticos, o que dificulta a atuação docente; A busca da formação/atualização profissional é uma

constante, devido as mudanças de técnicas e recursos tecnológicos - o Senac é uma Instituição que oferece excelente infraestrutura e recursos didáticos; Ter flexibilidade e resiliência para as mudanças, que às vezes pode impactar na sua prática, mas que não posso deixar me imobilizar ou usar como desculpa, afetando meu rendimento; A autogestão é uma competência que devemos manter, pois muitas vezes somos colocados em situações que teremos que usar em sala de aula com os alunos e como funcionários. As ferramentas mudam, os recursos inovam, mas o diferencial é a prática docente para o sucesso/fracasso de um curso. O Projeto político pedagógico é uma ferramenta viva que permite ao docente auxiliar o aluno (e a ele também), o desenvolvimento de uma consciência crítica para um fazer consciente, e que a gestão também assim o perceba/entenda. Mas pode e deve ser usado na minha prática em sala de aula. A relação professor-aluno ainda é a ferramenta mais eficaz para o desenvolvimento integral do processo educativo. Nosso olhar para o fazer pedagógico também muda, algo que era adequado em 2012, não cabe em 2020, e eu tenho que me adequar e rever conceitos e preconceitos constantemente.

6. Nos cursos que atuo - são jovens de baixa renda, oriundos na maioria de escola pública, de regiões periféricas, moradores de comunidades, com baixas perspectivas profissionais, que veem no curso uma possibilidade de mudança desse cenário. Mesmo conhecendo pouco o Senac percebe valor no certificado. Esse aluno carrega déficits na sua formação escolar, que dificultam o desenvolvimento de competências técnicas. É um aluno que já foi muitas vezes julgado, condenado e deixado à sua própria sorte, por conta disso, muitos não percebem a escolarização como possibilidade de ascensão social, e sim como ferramenta de profissionalização operacional para entrar no mercado de trabalho na base da pirâmide. Posso assegurar que a maior parte modifica seu pensamento ao longo da sua permanência no curso - melhora sua percepção de si mesmo como sujeito de mudança, como cidadão. Entende que pode ser agente de mudança, a educação e escolarização ganham novo sentido, enfim, se torna um indivíduo capaz de pensar e atuar na realidade em que vive, deixa de ser passivo, desenvolve autonomia para atuar de forma ativa como ser humano, cidadão e profissional, com os pés calcados na realidade.

7. A relação no momento de fechar contratos de prestação de serviço (com outras instituições), precisam estar alinhadas com a proposta pedagógica do Senac e

suas marcas formativas, para que a prática pedagógica em sala de aula no atendimento corporativo seja efetivada de forma a atender as expectativas de ambos. As mudanças e adesão do Senac a 'novas' metodologias, gerando muitas dúvidas na hora de aplicar no fazer docente. O Senac é uma escola que acompanha o surgimento dessas novas metodologias para criar projetos próprios gerando assim, a necessidade de momentos para que os professores possam trocar informações sobre as novas demandas e necessidades para apropriação das informações. No que tange ao aluno, hoje ele tem o acesso à informação de forma rápida, na palma da mão. O seu conhecimento se forma cada vez mais por influência da mídia (televisão, Internet, redes sociais, streamings, etc.) e vão estabelecendo suas relações na sociedade, com família, os grupos de amigos, escola influenciados com o que acessam de informação nesse meio rápido, descartável e questionável de formação de opinião. Nota-se uma mudança de valores e significações, o saber não é aprofundado, alunos se informam por meio de um "post" em rede social, isso ainda me deixa perplexa. Pois ao mesmo tempo não se pode negar nem anular esse novo modelo de consumo de informação. A dificuldade é como, como redimensionar e ressignificar a postura do aluno perante esse cenário e torna-lo um sujeito crítico, fazendo perceber o lado positivo dessa facilidade de acesso ao conhecimento, para que use de forma produtiva e crítica, contribuindo para um novo jeito de ser e estar na sociedade. Deixar de ser um mero consumidor, mas um produtor de conhecimento nessa sociedade global; Outra grande dificuldade é a dicotomia, no meu caso, em relação aos jovens do Programa Aprendizagem – a formação como marcas formativas tão empoderadoras (atitude colaborativa, atitude empreendedora, visão crítica, atitude empreendedora, domínio técnico-científico) com a prática em empresas de gestão centralizadora, condições de trabalho precárias e por vezes métodos de trabalhos obsoletos; Somando tudo isso, uma sociedade desigual, também representada dentro do Senac, nos diversos cursos e tipos de alunos que por lá circulam. De um lado temos jovens que convivem com o desemprego, a violência e a falta de perspectivas. Por outro, alunos que vivem o oposto - boa formação escolar, moradia e emprego "confortáveis. Tal situação nos pressiona na busca de respostas o que ultrapassa nossas possibilidades de formação), afetando a motivação e desempenho diante tanta desigualdade.

8. Para lidar com esse cenário com tantas idiossincrasias precisa permitir ao professor uma formação mais crítica, mais prática, com mais possibilidades de

leitura desses cenários. Olhar para o agora e propor atuar nesse agora. Mas ainda gastamos muito tempo em aspectos burocráticos. Ao professor também cabe dominar essas ferramentas, mudar de analógico para digital - porque esse é um caminho sem volta - para construir canais de informação e conhecimento em uma relação horizontal com seus alunos. Professor precisa sair do pedestal de detentor do conhecimento. Como diria Paulo Freire os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo - precisamos olhar para o mundo no qual estamos hoje. Não podemos ficar demonizando a internet e suas possibilidades, precisamos trazer para o lado positivo - no qual muitas barreiras já foram quebradas.

9. Conhecer métodos pedagógicos para ter segurança para mediar uma sala de aula cheia de alunos, cada um com sua personalidade, peculiaridades e necessidades distintas. Conhecer o mundo, a sociedade na qual os alunos desses cursos estão inseridos - sair da sua bolha e ampliar o olhar para o outro dentro de um contexto macro. É o que Mario Sergio Cortela define como Humildade pedagógica - é a capacidade de aprender com pessoas de diferentes faixas etárias, experiências profissionais, culturas, gostos e hábitos. Só assim poderá ter uma prática menos contaminada com julgamento e ideias pré-concebidas a partir de um olhar reducionista. Como dito na questão anterior, não dominar apenas sua área de formação, ter domínio das ferramentas e tecnologias - ser um eterno aprendiz, um curioso, buscando acompanhar as mudanças que ocorrem cada vez mais rápido. Algo muito importante, talvez o X da questão: o professor deve se ocupar (e gostar disso) com a geração que está formando, já que suas ações têm efeito em toda a vida desses jovens.

10. Formação técnica - tecnologia e seu uso na educação. Inclusão e diversidade na prática - como lidar. Formação pessoal - autoconfiança para lidar com alunos, pares e gestores, capacidade para gerenciar problemas/conflitos.